

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

JOYCE CAMILA MARTINS

A NASALIZAÇÃO VARIÁVEL DE VOGAIS NA FALA MANAUARA

MANAUS - AM
2018

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

JOYCE CAMILA MARTINS

A NASALIZAÇÃO VARIÁVEL DE VOGAIS NA FALA MANAUARA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras e Artes – Área de concentração: Linguagem, discurso e práticas sociais.

Orientador: Prof. Dr. Valteir Martins.

MANAUS - AM
2018

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial de Artes e Turismo – ESAT/UEA
Bibliotecária Sásghala Maciel da S. Lima CRB11/673 AM

M379n MARTINS, Joyce Camila
 A nasalização variável de vogais na fala manauara / Joyce Camila
 Martins ; orientador Valteir Martins. - - Manaus: [s.n.], 2018.

104 p.; fig.; tab.; quad.; graf.; map.: 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Escola Superior de
Artes e Turismo. Universidade do Estado do Amazonas, 2018.

Inclui referências bibliográficas.

1. Dissertação - Letras e Artes 2. Português Brasileiro (PB) –
vogais nasalizadas 3. Fonologia Autossegmental – Manaus (AM) I.
Martins, Valteir II. Título.

CDU 81'342.4(043.3)(811.3)

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES**

TERMO DE APROVAÇÃO

JOYCE CAMILA MARTINS

“A NASALIZAÇÃO VARIÁVEL DE VOGAIS NA FALA MANAUARA”

Dissertação aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, pela Comissão Julgadora abaixo identificada.

Manaus, 30 de maio de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: Prof. Dr. Valteir Martins (UEA)

Membro titular interno: Profa. Dra. Silvana Andrade Martins (UEA)

Membro titular externo: Prof. Dr. Maria Sandra Campos (UFAM)

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque D'Ele emana o sopro da vida e o ânimo para vivê-la. D'Ele provêm os dons de Fortaleza e de Ciência, sem os quais não seria impossível completar esta jornada.

A meus pais, Humberto e Carmina Martins, porque eles foram o meu porto seguro nesta terra. Quando eu estive impossibilitada de caminhar por meios próprios, eles foram minhas pernas (literalmente), levando-me onde era necessário e não me deixando esmorecer diante da dificuldade.

A meu noivo, Eduardo Camargo, por ter dividido comigo este sonho e ter aceitado conviver com as minhas ausências para que essa ideia fosse possível. Você me acolheu e me deu amor nos meus momentos de maior angústia!

Aos meus irmãos, Humberto Jr. e Humbercley, e minha tia, Cândida Dantas, pelas palavras de incentivo e confiança na minha capacidade quando eu mesma não acreditava que conseguiria chegar ao final.

Ao meu orientador, professor Dr. Valteir Martins, cujas palavras e orientações preciosas foram capazes de iluminar pensamentos confusos e indicar a direção a seguir; espero um dia ser capaz de transmitir empolgação semelhante a sua, ao falar sobre Fonética e Fonologia. Em nome dele, agradeço ao PPGLA e aos professores que o integram, em especial à professora Dr^a. Silvana de Andrade Martins, com quem a convivência é inspiradora.

À banca examinadora deste trabalho (composta por meu orientador, pela professora Dra. Silvana de Andrade Martins e pela professora Dra. Maria Sandra Campos), porque, desde o exame de qualificação até o momento da defesa, teceram contribuições muito significativas para que o trabalho atingisse os objetivos traçados.

Aos meus colegas de jornada no PPGLA, com quem dividi momentos de tensão e alegria. Com eles aprendi a apreciar a literatura, a música, a dança, a educação escolar indígena. Vocês merecem ter chegado até aqui!

Aos meus diretores no Centro de Mídias de Educação do Amazonas - CEMEAM/SEDUC, Socorro Barros, Sérgio Araújo e Kátia Menezes, por

permitirem que eu conciliasse as atividades do trabalho com os compromissos do curso de mestrado ao longo desses dois anos.

A José Augusto de Melo Neto, meu primeiro gestor no CEMEAM (e que posteriormente chegou a ser Secretário de Estado da Educação), por ser instigador, por não permitir que sua equipe se acomodasse, por encorajar todos na retomada de seus estudos.

Aos meus colegas de trabalho, pelas palavras de apoio, pelo exemplo de persistência em seus respectivos Programas de Pós-graduação. Trabalhar e estudar de forma concomitante não é tarefa fácil, mas quando se tem um grupo de incentivo, a motivação parece brotar no momento de maior cansaço. Em especial, agradeço a Risonilde Araújo e Denilson Saturnino, por sermos parceiros de Curso de Mestrado em Letras, mesmo que em instituições distintas; tenho um orgulho imenso de vocês!

À Manaus, minha terra natal, e aos manauaras, especialmente àqueles que contribuíram com esta pesquisa, pois os seus falares povoam a minha mente desde tenra idade e se tornaram a fonte inspiradora para o desenvolvimento deste trabalho.

À UEA, que me recebeu aos 16 anos para fazer Graduação; aos 25, para cursar Especialização; aos 27, para o Mestrado que agora termina. A UEA sempre foi minha casa e a ela sempre retornei... Espero poder continuar voltando, feliz por transitar através de seus portões.

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas *variáveis* podem [...] ter um sentido social [...]

Louis-Jean Calvet

A língua Portuguesa falada em Manaus registra uma série de peculiaridades que a tornam diferentes de outros falares sob vários aspectos [...]

Lenise Pereira Barbosa

RESUMO

A nasalização das vogais no Português Brasileiro (PB) é um fenômeno linguístico cuja compreensão tem fomentado fecundo debate científico com foco em sua realização e análise. Tanto é assim que a literatura científica é unânime quanto à ocorrência de dois processos de nasalização em contexto vocálico: A nasalidade contrastiva e a nasalidade vocálica alomórfica; esta última foi o foco desta pesquisa e encontra múltipla nomenclatura técnica, sendo nominada no escopo deste trabalho como nasalização variável. O presente estudo teve por objetivo central a descrição de processos fonéticos, fonológicos e extrassistêmicos relevantes para a ocorrência da nasalização variável na fala manauara, espaço para o qual confluem influências linguísticas diversas, mas que apresenta isolamento geográfico em relação aos principais centros econômicos e culturais do Brasil. Para alcançar tal intento, lançou-se mão dos pressupostos teóricos da Fonologia Autossegmental, considerando, portanto, o traço [nasal] independente do segmento sonoro; para o mesmo fim, buscou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista a metodologia condutora da coleta de dados e para análise dos aspectos extrassistêmicos. Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos: no primeiro, realizou-se um panorama teórico acerca da nasalização variável pelas diferentes vertentes de estudos fonéticos e fonológicos; o segundo capítulo apresenta o campo no qual a pesquisa se desenvolveu; o terceiro capítulo aborda os pressupostos metodológicos, aplicando a Sociolinguística Variacionista de Labov ao fenômeno linguístico sobre o qual se desenvolve este trabalho; o último capítulo expõe, por fim, a análise do material sonoro coletado. Nele, foi possível constatar que a nasalização variável é um fenômeno em curso na fala manauara, confirmando afirmação lançada por Barbosa (1995); a posição da sílaba tônica, a juntura com consoantes laterais e vibrantes, a harmonia nasal, a monomorfia dos prefixos latinos indicadores de negação e a lexicalização são fatores identificados como contribuintes do ponto de vista intrassistêmico, os quais indicam que fala manauara apresenta processos em prol da construção de simetrias; os achados também indicaram que, embora de forma menos predominante, a nasalização variável é um recurso aplicado para distinção de formas foneticamente semelhantes. Quanto aos fatores extrassistêmicos, os dados dão conta de que a aplicação da nasalização variável pode estar associada a uma concepção menos prestigiada de uso do PB ou menos associada ao padrão formal de escolarização.

Palavras-chave: Vogais nasalizadas; Fonologia Autossegmental; Fala manauara.

ABSTRACT

The nasalization of Vowels in Brazilian Portuguese is a linguistic phenomenon which understanding has fomented productive scientific discussion focusing on its performance and analysis. The scientific literature is unanimous in the occurrence of two nasal processes in a vocalic context: the contrastive nasality and allomorphic vowel nasality. The focus of this research is the allomorphic vowel nasality and it has multiple technical nomenclature, which is named as “variable nasalization” in this study. This research is about the description of phonetic processes, phonological and extrasyllabic applicable in order to check the occurrence of variable nasalization in the Manauara speech, a place which presents several linguistic influences, but exhibits geographical isolation in relation to the most important commercial areas and cultural in Brazil. In order to achieve this goal, it is used the theoretical assumptions of Autosegmental Phonology, bringing into account, therefore, the nasal features apart of the sound segment; to the same purpose, searching for the assumptions theoretical-methodological of Variationist Sociolinguistics, the methodology that leads data collect and analysis of extrasyllabic aspects. This research is divided into four sections: in the first one, a theoretical overview about the variable nasalization through different aspects of phonetic and phonological studies were developed; the second one presents the speech community, which is the base of this study; the third section is about methodological assumptions, applying Labov’s Variationist Sociolinguistic to the linguistic phenomenon, which is the subject of this research; the last one, finally presents the analysis of collected sound material. Through this material, it was noticed that variable nasalization is a phenomenon presenting in Manauara speech, confirmed information according to Barbosa’s ideas (1995); the position of the syllable stress, the joint of a fricative and lateral consonants, a nasal harmony, monomorphism for Latim negative prefixes and lexicalization are elements identified as contributor according to the intra-systemic viewpoint, which demonstrates that Manauara speech admits processes in favor of developing symmetries; the results also pointed out that the variable nasalization is a source applied to analyze phonetically similar forms, even if in a short predominance. In relation to extra-systemics, the data shows that the application of variable nasalization can be associated to a less prestigious design use of BP or less associated to the formal standard school.

Key-words: Nasalized Vowels; Autosegmental Phonology; Manauara speech.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Aparelho Fonador	22
Imagem 2: Padrão do espectrograma para a consoante /n/	26
Imagem 3: Espectrograma comparativo entre /a/ e /ã/	27
Imagem 4: Aplicação da regra fonológica segundo modelo gerativo	32
Imagem 5: Atribuição do traço nasal - perspectiva gerativa	32
Imagem 6: Representação estrutural de árvore de traços	36
Imagem 7: Vogal Nasal - Moraes & Wetzels (1992)	47
Imagem 8: Vogal Nasal - Experimento em IRM	48
Imagem 9: Comparativo entre vogal não nasalizada e vogal nasalizada	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Matriz de traços distintivos do PB de acordo com a SPE	33
Quadro 2: Alinhamento dos traços dos sons vocálicos e consonantais segundo Clements (2006)	37
Quadro 3: Consoantes nasais no sistema fonológico do PB	42
Quadro 4: Vogais orais do sistema fonológico do PB	45
Quadro 5: Inventário e classificação das vogais nasais do PB	45
Quadro 6: Nasalização - do latim ao português	64
Quadro 7: Definição e cruzamento das variáveis extrassistêmicas/Identificação do perfil dos informantes	67
Quadro 8: Palavras que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa	69
Quadro 9: Codificação <i>GoldVarb X</i> - Ambientes Fonológicos	73
Quadro 10: Codificação <i>GoldVarb X</i> - Fatores extrassistêmicos	74
Quadro 11: Nasalização diferencial - pares mínimos testados	83

LISTA DE TABELAS E MAPAS

Tabela 1: Realização nasal segundo a natureza do <i>onset</i>	50
Tabela 2: A variável dependente em contexto fonológico tônico	77
Tabela 3: A variável dependente em contexto fonológico não tônico	79
Mapa 1: Visão espacial de Manaus	56
Mapa 2: Fluxo das populações para o território de Manaus	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Origem do informante	71
Gráfico 2: Ascendência dos informants	71
Gráfico 3: #i em posição de sílaba inicial de palavra	81
Gráfico 4: A variável dependente em função do gênero dos falantes	86
Gráfico 5: A variável dependente em função da faixa etária dos falantes	87
Gráfico 6: A variável dependente do grau de escolaridade dos falantes	88

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A NASALIZAÇÃO EM PERSPECTIVA.....	21
1.1. A caracterização da produção de sons nasais.....	21
1.1.1 O enfoque articulatório.....	21
1.1.2 O enfoque acústico.....	24
1.2 A evolução dos estudos de Fonética e Fonologia em função do traço [nasal].....	27
1.2.1 O tratamento da Fonologia Estruturalista	28
1.2.2 O tratamento da Fonologia Gerativa	30
1.2.3 Abordagem não-linear	34
1.2.4 O tratamento da Fonologia Autossegmental	35
1.2.4.1 O espalhamento do traço nasal e a harmonia nasal.....	38
1.3 A nasalidade e a nasalização de vogais no Português Brasileiro (PB).....	40
1.3.1 Breves considerações sobre as consoantes nasais.....	41
1.3.2 A nasalidade contrastiva e a nasalidade vocálica alofônica.....	42
1.3.3 Reflexões em torno da questão: existe vogal nasal no PB?.....	45
1.3.4 Estudos descritivos sobre a emissão de vogais nasais e nasalizadas no PB.....	49
2. O CAMPO DA PESQUISA: A COMUNIDADE LINGUÍSTICA MANAUARA	54
3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS: PROCEDIMENTOS PARA DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA E RECOLHIMENTO DOS DADOS.....	60
3.1 A Sociolinguística variacionista	60
3.1.1 Variável Gênero.....	63
3.1.2 Variável Faixa etária.....	64
3.1.3 Variável Escolaridade.....	65
3.2 A seleção da amostra da pesquisa.....	66
3.2.1 Das variáveis extrassistêmicas.....	66
3.2.2 Das variáveis intrassistêmicas.....	68
3.3 O recolhimento dos dados.....	69
3.4 O tratamento dos dados.....	72
4. ANÁLISE DOS DADOS: A REALIZAÇÃO DAS VOGAIS NA FALA MANAUARA CONSIDERANDO A PERSPECTIVA DA NASALIZAÇÃO.....	76
4.1 A influência das variáveis intralinguísticas.....	77
4.1.1 Posição da sílaba tônica.....	77
4.1.2 Sílaba não tônica.....	79
4.1.3 #i em posição de sílaba inicial de palavra.....	80
4.1.4 Nasalização diferencial.....	83

4.2	A influência das variáveis extralinguísticas.....	85
4.2.1	Gênero do informante.....	85
4.2.2	Faixa etária do informante.....	86
4.2.3	Grau de escolaridade do informante.....	88
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
	REFERÊNCIAS.....	93
	ANEXOS.....	99

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Do ponto de vista articulatorio, a produção de segmentos sonoros nasais é caracterizada pelo abaixamento do véu palatino, permitindo que a impulsão do ar vindo dos pulmões encontre a saída com auxílio da cavidade nasal. A questão da emissão de sons nasais não se esgota, entretanto, nesta conceituação, sendo matéria de interesse de outras áreas do conhecimento, como a acústica, por exemplo, a qual identifica, como parâmetros para a detecção de um som nasal, a energia de ataque e de soltura, os picos de frequência espectral e a razão da energia (DURVASULA, 2009).

Ao relacionar o estudo da produção de sons nasais com a evolução dos estudos linguísticos que tratam especificamente da matéria sonora, é possível observar que o tratamento e a interpretação do “aspecto nasal” modificaram-se em virtude dos pressupostos teóricos norteadores de determinada corrente linguística.

A Fonologia de base estruturalista elencou o traço nasal como uma das oposições que permitem a distinção entre formas linguísticas, interpretando a nasalidade como um aspecto subjacente ao segmento sonoro. A Fonologia Gerativa, por sua vez, desloca o objeto de estudo do fonema/fone para o traço, compreendendo-o com uma complexa caracterização de traços, dentre eles o nasal; a relação entre fonema e traços permaneceu unívoca, como no estruturalismo. A Fonologia Autossegmental estabeleceu, entretanto, uma nova perspectiva de análise, ao demonstrar que os traços, incluindo-se aí o nasal, exacerbam os segmentos sonoros, e apresentam organização e hierarquia próprias, como “degraus” (CRYSTAL, 1985).

Também no âmbito dos estudos linguísticos que tomam o Português Brasileiro (doravante PB) como objeto de descrição, as emissões nasais têm se configurado como temática fecunda para a produção de trabalhos que, em geral, debatem a nasalidade em contexto vocálico.

Um olhar diacrônico sobre a questão, remonta ao processo de evolução da nasalidade desde o Latim até o Português. No latim, clássico ou vulgar, a categoria de vogal nasal era inexistente. Ao evoluir para o português arcaico, registros demonstram que a nasalidade das vogais era bem marcada nesse período; entretanto havia também nas localidades de Lisboa-Coimbra uma

forma variante, a qual não marcava a nasalidade das vogais. Santos (2013) sumariza a questão, ao pontuar que

“[...] Embora não fossem registradas vogais nasais ou nasalizadas no latim, com o passar do tempo, e durante sua transformação para a nova língua, percebemos que provêm do latim os ambientes fonológicos que mais tarde originariam a nasalidade no português” (p. 26-27).

Fazendo um salto na história e considerando a forma contemporânea do PB, não há divergência teórica quanto ao fato de que existem dois contextos em que as vogais apresentam o traço nasal: no primeiro, a ocorrência da vogal nasal se dá por um traço próprio do fonema, demonstrando mudança de significação quando confrontada ao seu par mínimo; esta nasalização é de natureza Fonológica e categórica em todas as variedades do PB.

No segundo contexto, a existência de nasalização ocorre pelo contato e espalhamento do traço nasal “herdado” da consoante adjacente. A nasalização ocorrida é de natureza Fonética, pois não se aplica para a distinção de formas, sendo considerada como um fenômeno de natureza variável; por isso se presta “[...] a uma análise de cunho variacionista [...]” (ABAURRE; PAGOTTO, 2002, p. 492). O fenômeno trazido à baila se configura como uma variável dependente, podendo se realizar pelo espalhamento do traço nasal para a vogal ou pelo não espalhamento da nasalidade para a vogal.

A literatura apresenta vasta nomenclatura para este fenômeno: nasalidade vocálica alofônica para Moraes & Wetzels (1992); nasalidade fonética para Silva (1998). A partir da seção 1.3.2, este trabalho adotará a nomenclatura “nasalização variável”, presente no título, pois, de acordo com as interpretações propostas por esta pesquisa, o termo abarca de maneira mais adequada o aspecto variacionista do fenômeno.

O presente trabalho elegeu, portanto, a nasalização variável como objeto de sua investigação, no contexto da dinâmica da fala manauara, objetivando a descrição dos processos intra e extrassistêmicos envolvidos na ocorrência de tal fenômeno. Tal escolha foi devida à existência de uma lacuna científica: os estudos sobre os registros de língua falada nessa cidade ainda não contemplaram o aspecto da nasalização. Embora exista menção em relação à nasalização variável no contexto manauara, encontrada no trabalho Barbosa

(1995), suas considerações reconhecem a necessidade de aprofundamento no tema, já que esse não foi o foco do referido estudo.

Para além disso, cabe salientar que a cidade de Manaus reúne características bastante interessantes para a formação de sua população:

- Vivenciou, ao longo de sua história, diferentes ciclos de migração;
- Em dias atuais, permanece como cidade atrativa em relação a cidades menos desenvolvidas regionalmente;
- Tem atraído um número considerável de imigrantes de países afetados por catástrofes naturais e graves crises econômicas;
- Em relação aos maiores centros econômicos do Brasil, vivencia um relativo isolamento;
- Apesar de ser a capital com o 6º maior PIB do país, parcela significativa da população não tem acesso aos itens de saneamento básico.

Retomando o aspecto variável da nasalização eleita para este estudo, é preciso salientar que fenômenos desta natureza não ocorrem de maneira aleatória, sendo influenciados por grupos de fatores internos ou externos à língua (MOLLICA, 2004).

Para tecer explicações intralinguísticas, adotou-se o modelo da Fonologia Autossegmental, a partir do qual o traço nasal foi tratado como independente do segmento sonoro, podendo espalhar-se para segmentos adjacentes e, até mesmo, não contíguos. Para dar conta dos aspectos sociolinguísticos que interferem na ocorrência do fenômeno em estudo, adotou-se o método da Sociolinguística variacionista, de Labov.

Essa escolha metodológica determinou a postura adotada para a seleção dos informantes. Foram definidas três variáveis sociais com potencial para influenciar a produção da linguagem (LABOV, 2008): gênero/sexo, escolaridade e idade. Cada uma dessas variáveis foi devidamente seccionada, levando em consideração informações estatísticas sobre a cidade de Manaus (IBGE, 2013).

O cruzamento dos fatores gerou oito perfis, selecionando, para cada um deles, três falantes, o que totalizou uma amostra de vinte e quatro informantes, cujas atividades e moradia estão concentradas na área urbana de Manaus.

Também os critérios estabelecidos pelo projeto FAMAC (Fala Manauara Culta - Projeto de Variação Urbana Oral Culta Manauara), da Universidade do Estado do Amazonas, interferiram na seleção dos participantes da pesquisa.

Após a seleção dos informantes, a pesquisa se desenvolveu na forma de entrevistas, cujos áudios foram coletados com auxílio de gravador de voz, baseadas num questionário previamente desenvolvido para coletar o número de 91 palavras para compor o *corpus* da pesquisa de modo a capturar a possível ocorrência da nasalização variável nos seguintes contextos fonológicos: sílaba tônica em posição inicial; sílaba tônica em posição intermediária; sílaba pretônica; sílaba postônica; sílaba subtônica (acento secundário); #i em posição de núcleo de sílaba inicial; verbo da 1ª conjugação na forma da 3ª pessoa do singular – pretérito perfeito/modo indicativo; substantivo derivado do verbo da 1ª conjugação; verbo da 3ª conjugação na forma da 3ª pessoa do singular - pretérito perfeito/modo indicativo; verbo da 3ª conjugação na forma do infinitivo.

A pesquisa se desenvolveu, portanto, numa perspectiva quali-quantitativa, na qual foi considerado o fenômeno em estudo na sua dimensão linguístico-sistemática, bem como a quantificação das ocorrências, operacionalizada com auxílio do *software GoldVarb X*, o qual fornece dados estatísticos e pesos relativos, a partir dos dados levantados. Também o *software Praat* foi utilizado como auxílio para determinar a ocorrência de nasalização em casos em que somente a oitiva não foi suficiente para conferir certeza ao julgamento.

O corpo do texto deste trabalho está assim organizado:

O primeiro capítulo da dissertação apresenta um panorama acerca dos estudos sobre a língua falada e que consideraram o fenômeno da nasalização, de modo a traçar um fio condutor desde a compreensão do que seja um som nasal, passando pelas diferentes abordagens teóricas que se dedicaram a debater sobre a questão, finalizando com a discussão sobre os dois padrões de nasalidade existente no PB.

O segundo capítulo traça o contexto da comunidade de fala no qual a pesquisa foi desenvolvida, apresentando aspectos históricos, geográficos e indicadores socioeconômicos. O terceiro capítulo da dissertação desenvolveu a abordagem teórico-metodológica, apresentando conceitos subjacentes à teoria

da sociolinguística variacionista, os aspectos próprios da delimitação da amostra da pesquisa, o processo de recolhimento e tratamento dos dados.

Por fim, o capítulo quatro dispõe a análise dos dados, estruturando-se de modo a avaliar a relevância, ou não, da ocorrência das variáveis intralinguísticas e extralinguísticas para a ocorrência, ou não, da nasalização variável.

Na conclusão, o texto apresenta de forma sumária as interpretações acerca dos achados desta pesquisa e o anexo demonstra o roteiro utilizado como guia para o desenvolvimento das entrevistas quando se realizou a pesquisa de campo.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A NASALIZAÇÃO EM PERSPECTIVA

Este capítulo de dissertação pretende fazer um panorama acerca dos estudos sobre a língua falada que consideraram o fenômeno da nasalização como objeto de investigação. Para tanto, foi estruturado em três subcapítulos com os quais se espera traçar um fio condutor, desde a compreensão do que seja um som nasal, passando pelas diferentes abordagens teóricas que se dedicaram a debater sobre a questão e finalizando com a discussão acerca dos dois padrões de emissões nasais existentes no Português Brasileiro, assim como também apresentando a confluência de estudos descritivos sobre o supracitado fenômeno em curso nas variedades do português falado no Brasil.

1.1 A caracterização da produção de sons nasais

A compreensão que ora se tem acerca dos sons nasais é resultado da junção de conceitos de diferentes disciplinas, muitas vezes de áreas do conhecimento aparentemente distantes, que trataram da produção e percepção de tal fenômeno linguístico. Desta maneira, julgou-se prudente trazer à baila tais definições que contribuem para a compreensão deste complexo tema sobre o qual se debruça neste trabalho.

1.1.1 O enfoque articulatório

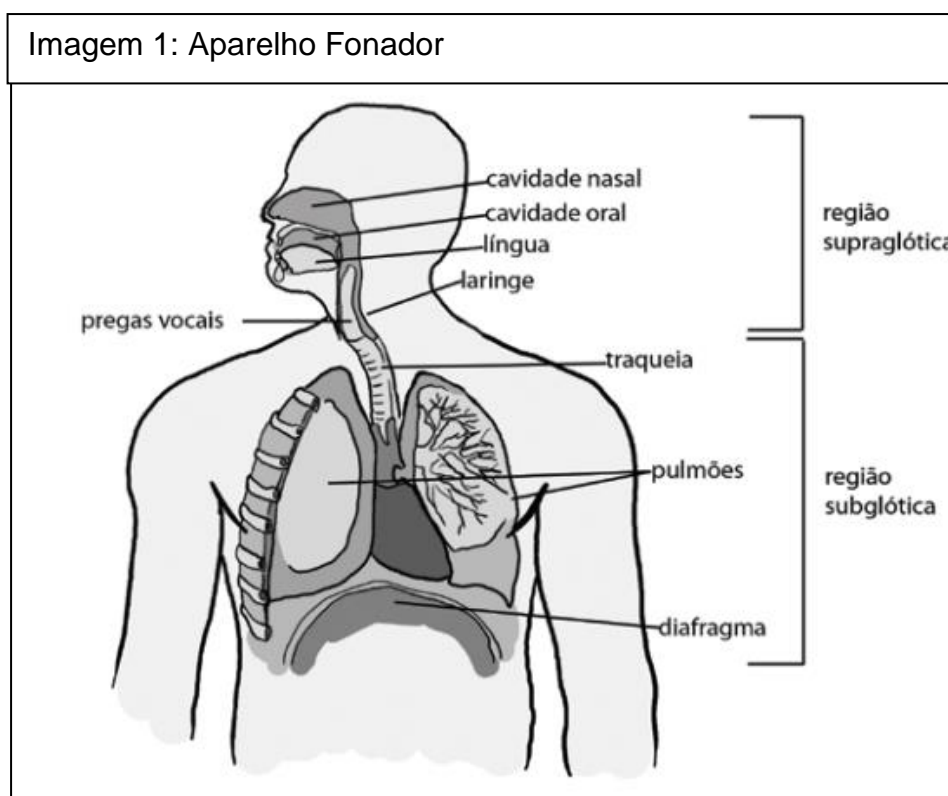
A produção da voz humana é resultado de um complexo trabalho no qual o ar vindo dos pulmões por pressão do diafragma, passará, até a sua saída do corpo, pela traqueia e laringe (onde são encontradas as pregas vocais, vibrando-as ou não), ressoando na cavidade oral, nasal ou em ambas.

Neste contexto, uma definição articulatória sobre a produção dos sons nasais precisa levar em consideração a maneira como os órgãos do “aparelho fonador”¹ são mobilizados para produzi-los; os elementos que o compõem

¹ Esta expressão é usada de maneira genérica, visto que se está ciente que a produção de sons não é a função primeira dos órgãos envolvidos na articulação da voz humana.

estão expostos na imagem 1. Assim sendo, os ditos sons nasais podem ser definidos segundo Silva (1998, p. 29), a qual indica que

Qualquer segmento produzido com o véu palatino levantado obstruindo a passagem do ar para a cavidade nasal é chamado de **oral** [...] Um segmento produzido com o abaixamento do véu palatino de maneira que haja ressonância na cavidade nasal é chamado de **nasal**.



Fonte: PARKER *apud* SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 18.

Desenvolvendo e ampliando o conceito de som nasal, faz-se necessário considerar que:

- 1) Quando se trata da articulação de uma vogal, a ressonância ocorre nas cavidades oral e nasal, por meio de um fenômeno conhecido como acoplamento;
- 2) Quando está em questão a articulação de uma consoante, ocorre, ainda, algum tipo de oclusão na cavidade oral, de modo que a ressonância se dá apenas na cavidade nasal.

Ainda à guisa de conceituação, recupera-se o que afirma Costa (2007), ao informar que as cavidades orais e nasais estão ligadas por uma abertura

traduzida pela pesquisadora como *porta velofaríngea*². A confluência destes conceitos deixa entrever relações de juntura e de oposição:

- 1) ambas as cavidades trabalham em conjunto, por meio do movimento muscular do palato mole³;
- 2) o movimento muscular, de abaixamento ou de levantamento, é fundamental para estabelecer a oposição existente entre os sons orais e os sons nasais.

Embora se defina a posição do palato mole de maneira binária (levantado ou abaixado), a real situação deste músculo não ocorre apenas nestas das posições. Basta que se visualizem movimentos musculares visíveis aos olhos (como o movimentar do braço, por exemplo) e que se dão num *continuum*. Desta forma, é possível haver variações na posição do véu palatino, estando ele mais abaixado para emitir determinado som e menos abaixado para outro. Da mesma maneira, também a posição da *porta velofaríngea* poderá variar, com a posição mais ou menos aberta em virtude do som que se precise articular.

As variações no grau de abaixamento do palato mole para a produção do som nasal revelam gradações acerca do total levantamento/fechamento da *porta velofaríngea* para a produção dos sons orais. Desta forma, definições como a apresentada por Silva (1998) exacerbam no didatismo, pois apresentam uma compreensão polarizada acerca de um fenômeno com tantos matizes. Sobre a questão, Durvasula (2009, p. 43) elucida que “[...] while soft-palate lowering is a consistent correlate of phonologically nasal segments, it is not a correlate that is exclusive to nasal segments [...]”⁴.

Pelo exposto até aqui, é possível entender que os movimentos fundamentais para a produção de um som nasal ocorrem na região supraglótica (Cf. Imagem 1) e os elementos envolvidos no movimento da *porta velofaríngea* interessam para esta compreensão. Desta maneira, elenca-se, de acordo com Cagliari (1977, p. 54), as seguintes informações em torno do movimento da *porta velofaríngea*: “[...] 6 muscles attached to the velum are:

² Do inglês *velopharyngeal port*.

³ Os termos “véu palatino” e “palato mole” aparecem para denominar a mesma estrutura presente no “aparelho fonador”.

⁴ Tradução realizada pela autora deste trabalho: “[...] enquanto “palato-mole abaixado” é uma característica correlata à Fonologia dos segmentos nasais, ela não é exclusiva deles [...]”

tensor palatini, levator palatini, superior constrictor, palatoglossus, palatopharyngeus and uvular muscle. The uvular muscle is the only one that is not paired”⁵. Diferentes teóricos envolvem uma quantidade divergente de músculos (variando para menos), de modo que não há um consenso na literatura acerca da questão.

A exata função de cada um desses músculos ainda não é compreendida em sua totalidade. Sabe-se, porém, que

- 1) o **tensionador palatino** tem contração que abaixa a parte frontal do véu palatino.
- 2) o **levantador palatino** é o responsável por movimentar o véu palatino para cima e para baixo;
- 3) o **constritor superior** auxilia, com sua contração, o fechamento da *porta velofaríngea*, porque traz as paredes da faringe para dentro.
- 4) o **palatoglosso** pode atuar sobre a língua ou palato mole.
- 5) o **palatofaríngeo** faz movimentos que empurram o palato mole para baixo, da posição média para posterior.
- 6) o **músculo uvular** atua sobre a úvula, encurtando-a e trazendo-a para cima e para trás.⁶

Para além disso, é preciso compreender que o aspecto nasal é apenas um dos traços que concorrem para a caracterização de um som. A interação desse com outros traços característicos de um determinado segmento sonoro terá consequências diretas na configuração final das cavidades oral e nasal, sendo que esta questão pode ser exemplificada neste trabalho conforme aponta Medeiros (2007, p. 183): “este é um fenômeno fonético universal: a vogal baixa se nasaliza mais facilmente que as demais”.

1.1.2 O enfoque acústico

⁵ Tradução realizada pela autora deste trabalho: [...] 6 músculos anexados ao véu palatino são: tensionador palatino, levantador (elevador) palatino, constritor superior, palatoglosso, palatofaríngeo, músculo uvular. O músculo uvular é o único que não possui um par.

⁶ Toma-se, no momento desta breve descrição, os músculos elencados por Cagliari (1977), com a tradução dos elementos realizada pela autora deste trabalho.

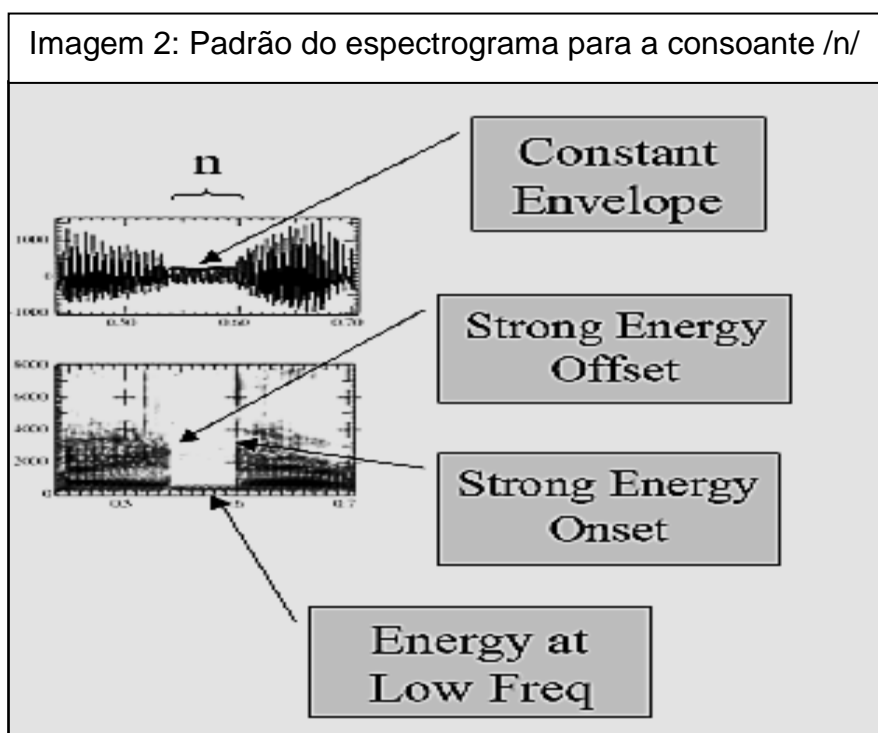
O desenvolvimento da Ciência Linguística permitiu que os estudos desenvolvidos nesta área encontrassem pontos de contato com disciplinas distantes num primeiro momento, mas que trabalham de forma interdisciplinar em torno de um mesmo problema. Assim é que, para dar conta de um fenômeno tão complexo quanto à nasalização, conceituações cunhadas no campo da acústica, uma disciplina da Física, são pertinentes para este trabalho, com o objetivo de obter um panorama tão completo quanto possível acerca da temática da produção de sons nasais.

Os estudos acústicos em torno da fala entendem-na como sons cujas propriedades físicas podem ser mensuradas, por exemplo, em relação à duração, frequência, amplitude, entre outros aspectos. Para tornar visível a teoria, Kent & Read (2015) sugerem que o mecanismo de produção da voz humana seja comparado a um tubo cilíndrico totalmente aberto de um lado e vedado do outro lado por uma membrana elástica com um corte ao meio. A membrana é o vibrador, fonte da energia acústica propagada pelo tubo, o ressoador. Este modelo, guardadas as devidas proporções e observado o fato de que a mudança na extensão do tubo muda as frequências por ele produzidas, reproduz satisfatoriamente o padrão de “aparelho fonador” humano.

Os estudos linguísticos que lançam mão de análises acústicas sobre a fala, fazem-no por meio da inserção dos dados coletados (gravações de voz) em programas que fazem a leitura das frequências sonoras e as transformam em espectrograma, “[...] um dispositivo gráfico que é uma função da frequência de onda (medida em Hz) pelo tempo (em milissegundos)” (COSTA, 2007, p. 34). O espectrograma é dividido em formantes, que são as faixas de frequências sonoras.

Durvasula (2009) elenca quatro parâmetros acústicos que podem ser usados para a detecção de uma emissão de uma consoante nasal ao analisar um espectrograma: 1) *Envelope variance*: constante; 2) *energy onset/offset*: que é bastante evidente se compararmos a emissão de consoantes nasais, com não nasais; 3) *spectral peak frequency*: menor para consoantes nasais do

que para outras consoantes; 4) *energy ratio*:⁷ mais baixa para consoantes nasais que para não nasais. Estes parâmetros são evidenciados na imagem 2.



Fonte: DURVASULA, 2009, p. 40.⁸

O próprio autor assevera, entretanto, que tais padrões não podem ser imediatamente aplicados para as emissões de vogais nasais. Isso porque, conforme já explicamos, a produção delas é o resultado do acoplamento entre as cavidades nasal e oral, sem oclusão na segunda, fator preponderante para a emissão de som consoante. Como há diferenças no processo de emissão de um som nasal vogal em relação ao som consoante, as propriedades acústicas também serão divergentes. Quanto à emissão da vogal nasal, de acordo com Seara (2000, p. 52-53).

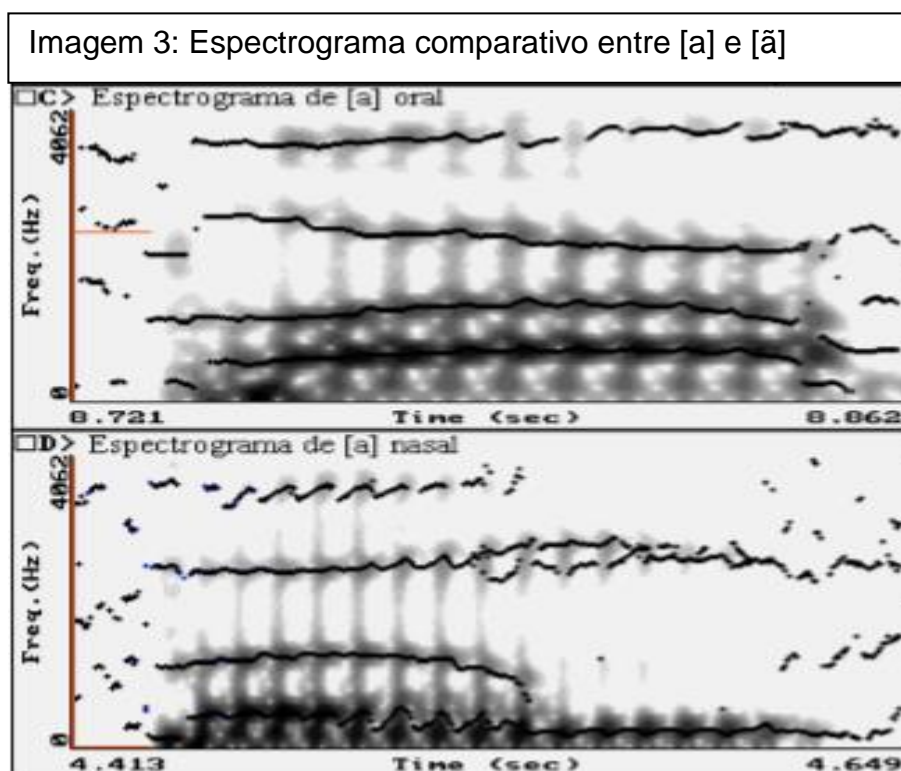
[...] o acoplamento da cavidade nasal à cavidade bucal leva às seguintes modificações espectrais:

⁷ Tradução realizada pela autora deste trabalho: 1) *envelope variance* – variação do padrão; 2) *energy onset/offset*: energia do ataque e de soltura; 3) *spectral peak frequency*: picos de frequência espectral; *energy ratio*: razão da energia.

⁸ Tradução realizada pela autora deste trabalho: *constante envelope*: padrão constante; *strong energy onset*: forte energia de ataque; *strong energy offset*: forte energia de oltura; *energy at low freq.*: energia em baixa frequência.

- aparecimento de formantes específicos (formantes nasais) que são as ressonâncias reforçadas quando da passagem do ar pelas narinas;
- presença de anti-ressonâncias (ou anti-formantes), devido à absorção de energia pelas paredes do trato nasal;
- atenuação geral da amplitude dos formantes, particularmente do primeiro formante;
- aumento da largura-de-banda dos formantes.

A imagem 3 também demonstra as características próprias da emissão da vogal nasal; nela podemos observar a redução da força para da performance da vogal [a] nasal em comparação com a vogal [a] oral, visto que os formantes desta são mais escuros que naquela. Essas são características gerais, uma vez que é preciso levar em consideração as propriedades da emissão de cada vogal em específico, observando as interações no seu contexto fonológico, pois isso afetará o resultado espectral; a mesma advertência é válida para a emissão das consoantes nasais. O reconhecimento destes padrões é válido e necessário, para o tratamento dos dados vocais.



Fonte: SEARA, 2000, p. 61.

1.2 A evolução dos estudos de Fonética e Fonologia em função do traço [nasal]

Após traçar um conceito acerca dos sons nasais, buscando aporte articulatório e acústico, nesta etapa do trabalho o objetivo é demonstrar a evolução da interpretação dos estudos fonológicos acerca dessa emissão nasal dos sons. Para tanto, elencou-se três grandes correntes de análise: A Fonologia do Estruturalismo ou Estrutural, a Fonologia do Gerativismo ou Gerativa e a Fonologia Autossegmental.

1.2.1 O tratamento da Fonologia Estruturalista

Desde que o corte Saussuriano inaugurou, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*⁹, aquilo que se convencionou chamar de Linguística Moderna, a linguagem foi compreendida como uma faculdade formada por dois aspectos em oposição complementar: língua e fala. A fala foi caracterizada como caótica e assistemática, imprópria, portanto, para o estudo científico. A língua, por sua vez, foi tomada como o objeto do estudo linguístico, sendo definida como

[...] um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos [...] é um todo por si e um princípio de classificação [...] constitui algo adquirido e convencional [...] (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 17).

O aspecto social aí apontado não estava significando uma relação entre a língua e as práticas sociais (não diretamente), mas estava dizendo respeito àquilo que era sistemático. Outras definições acerca da questão apontados no *Curso* se deram por meio de dicotomias, nas quais um conceito era construído a partir daquilo que o outro conceito não era. Os postulados Saussurianos, alinhados às tendências científicas da época, constituem o chamado Estruturalismo Linguístico.

A recepção destas ideias por diferentes grupos de estudiosos gerou, para além de críticas, a busca pelo desenvolvimento destes conceitos. Neste processo de recepção, destaca-se o Círculo Linguístico de Praga, grupo de

⁹ Sabe-se que este livro foi publicado após a morte de Ferdinand de Saussure, por seus alunos. Entretanto, a autoria é atribuída ao mestre genebrino e assim a tradição Linguística faz referências às ideias presentes naquele livro.

estudiosos que desenvolveu, entre outras teorias, o aspecto da língua como sistema, contribuindo com formulações acerca da área da Fonética e Fonologia. É deste grupo a distinção entre estes dois termos, claramente influenciada pela supracitada dicotomia de Saussure: cabe à Fonética estudar os sons da fala, do uso; à Fonologia, os sons do sistema da Língua.

A obra “*Principles of Phonology*”¹⁰, de Nikolay Trubetskoy, delineia os fundamentos da Fonologia como o desdobramento da Linguística que dará conta da sistematização do componente sonoro da língua:

[...] Através da delimitação deste objeto de estudo começam a ser estabelecidos procedimentos metodológicos e teóricos para a investigação do componente sonoro [...] Surge [...] inspirada nos princípios expostos por Trubetzkoy, a unidade mínima: o *fonema*. Esse é definido em tais correntes como a unidade imaterial, estritamente pertencente à *langue saussuriana* [...] (SCHARDOSIM; TROMBETA, 2012, p. 20).

O fonema não é uma unidade indivisível, pois ele é caracterizado por traços, esses sim, unidade mínima que caracterizam a distintividade fonêmica. Entretanto, o fonema foi tomado como a unidade para o estudo fonológico, pois nele está resguardado o conteúdo distintivo. Nesta medida, o estudo fonológico consistia em descrever os sons dos sistemas das línguas do mundo, seguindo, para isso, processos tais como a segmentação lexical¹¹ e a comutação¹²; para este último, tem-se o exemplo extraído de Cagliari (2002, p. 23):

V ela	B ela	T ela	M ela	S ela	G ela
	P ela	D ela	N ela	Z ela	E la

A substituição do som /v/ por outras unidades sonoras mínimas no mesmo contexto fonológico (mesma posição) promoveu a mudança de significado. Pelo processo da comutação foi possível definir quais sons poderiam ser inventariados como fonemas da língua e quais não tinham esta característica distintiva. Assim é que, pela herança dicotômica Saussuriana, a Fonologia Estruturalista analisou o componente sonoro da língua pelo

¹⁰ Traduzida do alemão “*Grundzüge de Phonologie*”.

¹¹ Processo de divisão da Língua em unidades de sons mínimas e indivisíveis.

¹² Processo de substituição de uma unidade sonora mínima por outra, em ponto específico do enunciado, em busca da mudança de sentido.

estabelecimento de oposições entre os fonemas, a partir das quais as línguas produzem novas unidades significativas. É nesse sentido que o tratamento dispensado à emissão do som nasal aparece nos escritos de Trubetzkoy:

[...] phonological oppositions can be divided into three types: *Privative* oppositions are oppositions in which one member is characterized by the presence, the other by the absence, of a mark. For example: 'voiced'/'voiceless', 'nasalized'/'nonnasalized' [...] The opposition member that is characterized by the presence of the mark is called 'marked', the member characterized by its absence 'unmarked'. This type of opposition is extremely important for phonology." (1969, p. 75)¹³

De acordo com estes escritos, o traço nasal foi elencado como uma das oposições existentes nas línguas para distinguir uma forma de outra; este tratamento compreende que a nasalidade está presa ao segmento sonoro. Nesta medida, num processo de comutação, ao substituir na palavra um som marcado pelo traço nasal por outro que não seja marcado, a nasalidade desaparecia, já que tal característica está presa ao segmento.

1.2.2 O tratamento da Fonologia Gerativa

O avanço dos estudos linguísticos fez surgir o Gerativismo, abordagem teórica de Noam Chomsky, uma nova abordagem acerca das questões da Língua. Enquanto o Estruturalismo demonstrou uma preocupação em descrever as estruturas linguísticas, o Gerativismo propôs que a mesma descrição fosse feita, porém de modo a tornar explícitas as operações mentais que organizam as estruturas da língua, deslocando metodologicamente este campo científico para um viés cognitivo. Convém pontuar, a respeito desta corrente teórica, alguns pressupostos básicos que influenciaram as suas posteriores formulações acerca do tratamento fonológico, incluindo-se neste contexto as emissões nasais.

¹³ Tradução realizada pela autora deste trabalho: [...] oposições fonológicas podem ser divididas em três tipos:

Oposições *particulares* são oposições em que um membro é caracterizado pela presença, o outro pela ausência, de uma marca. Por exemplo: "vozeado"/"desvozeado", "**nasalizado**"/"**desnasalizado**" [...] O membro da oposição que é caracterizado pela presença da marca é chamado "marcado", o membro caracterizado pela ausência, "não marcado". Esse tipo de oposição é extremamente importante para a Fonologia.

O Gerativismo postula a existência de dois conceitos: competência e desempenho¹⁴, em que o primeiro significa o conhecimento inato e cognitivo que o falante nativo de determinada língua possui sobre ela, no que se refere a sua produção, reconhecimento e compreensão; o segundo termo designa o uso que o falante faz de sua língua. Desta maneira, a língua possui uma estrutura profunda, em que estão as regras gramaticais por meio da qual a língua opera, e uma estrutura de superfície, explicitada pelos usos linguísticos. O estudo Fonético deveria atuar no nível da estrutura de superfície, ao passo que o estudo Fonológico, no nível da estrutura profunda.

O Gerativismo trabalhou em torno da ideia da construção de universais linguísticos, isto é, de regras que seriam comuns a todas as línguas, já que os homens possuiriam uma predisposição genética para a sua aquisição, e que poderiam estar relacionadas a qualquer um dos componentes do estudo linguístico. Sobre o nível Fonético e Fonológico, Chomsky & Halle expõem, na obra “The sound pattern of english”, frequentemente referida como SPE, as principais linhas deste estudo na abordagem do gerativismo, postulando que

[...] the theory of “universal phonetics”, that part of general linguistics that specifies the class of “possible phonetic representations” of sentences by determining the universal set of phonetic features and the conditions on their possible combinations. The phonetic form of each sentence in a each language is drawn from this class of possible phonetic representations.¹⁵ (1968, p. 4-5).

Os universais fonéticos repousariam, portanto, na formulação de regras que explicitariam a maneira como as regras gramaticais¹⁶ operam para a definição dos traços fonéticos e de suas possíveis combinações; a imagem 4 apresenta um exemplo deste procedimento de explicitação de regras gramaticais extraído do trabalho de Duarte & Teixeira.

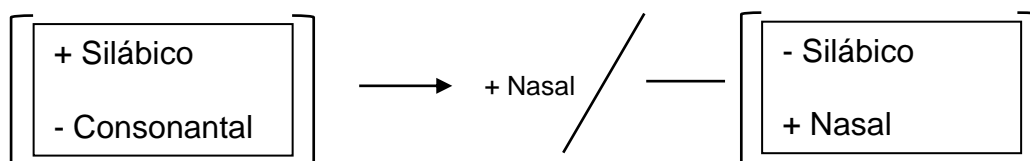
Por meio da formulação desta regra, as autoras buscaram explicar que no PB determinadas vogais apresentam o traço nasal apenas no nível de superfície (lado direito da representação), não no profundo (lado esquerdo).

¹⁴ No original em inglês *competence e performance*.

¹⁵ Tradução realizada pela autora deste trabalho: a teoria dos “universais fonéticos”, aquela parte da lingüística geral que especifica a classe das “possíveis representações fonéticas” das sentenças, pela determinação de traços fonéticos universais e das condições de suas possíveis combinações. A forma fonética de cada sentença em cada uma das línguas é extraída desta classe de possíveis representações fonéticas.

¹⁶ Termo empregado em referência à competência linguística dos falantes.

Imagem 4: Aplicação de regra Fonológica segundo modelo gerativo



Fonte: DUARTE; TEXEIRA, 1979, p. 21.

Nota-se que toda a representação gráfica feita para explicar a regra se dá pela via da descrição dos traços, não de um fonema em específico. Isso demonstra que a Fonologia Gerativa promove um deslocamento no objeto do estudo Fonético/Fonológico, que deixa de ser o fone/fonema, passando a eleger os traços distintivos. “Tal mudança permitiria não só generalizações, mas também uma melhor manipulação das regras fonológicas” (MIRAMATEUS *apud* SCHARDOSIM; TROMBETA, 2012, p. 26).

Cada fonema carregaria consigo uma complexa caracterização de traços, definidos tal como [+traço] ou [-traço] ¹⁷. Uma representação binária que assim é mantida na estrutura de superfície; na estrutura profunda, a teoria reconhece a necessidade de estabelecer a gradação da especificação de cada traço.

Imagem 5: Atribuição do traço nasal – perspectiva Gerativa

TABLE 7.		
	<i>N</i>	<i>k</i>
nasal	+	-
delayed release of secondary closure	-	-
glottal (tertiary) closure	-	-
heightened subglottal pressure	-	-
movement of glottal closure	n	n
n = not applicable		

Fonte: CHOMSKY; HALLE, 1968, p. 361.¹⁸

¹⁷ Aqui, a palavra traço é empregada de forma genérica, em referência a todos os traços indicado pelas teorias fonológicas.

¹⁸ Tradução dos termos presentes na figura 2 realizada pela autora deste trabalho: “table”: tabela; nasal: nasal; delayed release of secondary closure: afrouxamento retardado de

O traço nasal não foge ao padrão do tratamento teórico, sendo marcado nas análises tal como: [+nasal] ou [-nasal]. A imagem 5 extrai, da supracitada obra de Chomsky & Halle, um exemplo de como um segmento poderia ser caracterizado; fez-se o destaque para explicitar a presença do traço nasal nesta matriz e a atribuição da presença do traço pelo sinal [+] e da ausência pelo sinal [-].

Uma análise desta natureza, produzida com foco no PB para inventariar as consoantes, apresenta a configuração presente no Quadro 1:

	p	b	f	v	m	t	d	s	z	n	ɲ	ʒ	ʎ	ɳ	k	g	r	L
Soante	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	+	-	-	+	+
Silábico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Consonântico	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Alto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Recuado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-
Arredondado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Anterior	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+
Coronal	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	+	+
Contínuo	-	-	+	+	-	-	-	+	+	-	+	+	±	-	-	-	+	±
Estridente	-	-	+	+	-	-	-	+	+	-	+	+	-	-	-	-	-	-
Vozeado	-	+	-	+	+	-	+	-	+	+	-	+	+	+	-	+	+	+
Nasal	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+

Fonte: CAGLIARI, 2002, p. 93 – Destaques, nas consoantes e no traço nasal, feitos pela autora deste trabalho.

Embora apresente uma mudança de perspectiva bastante significativa, permitindo um novo paradigma de análises não apenas das emissões nasais, mas também da abordagem teórica em Fonética e Fonológica, ao propor o

fechamento secundário; glottal (tertiary) closure: fechamento (terciário) glotal/glótico; heightened subglottal pressure: pressão subglotal/subglótico de alçamento; movement of glottal closure: movimento de fechamento glotal/glótico; not applicable: não se aplica.

olhar para os traços distintivos e a formulações de regras tomando-os como referencia principal, é possível notar que a abordagem do traço se dá numa relação direta com o segmento que caracteriza.

A forma da representação dos estudos gerativos desta natureza caracteriza-se, ainda, por ser linear, um conceito que os estudos linguísticos utilizam “[...] para descrever a representação característica da língua como uma sequência unidimensional de elementos ou regras [...]” (CRYSTAL, 1985, p. 159), em linha, portanto. Isso significou, também, o aspecto de relacionar um segmento sonoro à realização de um mesmo conjunto de traços articulatorios e acústicos.

1.2.3 Abordagem não-linear

O conhecimento científico é construído pela via da crítica e da reorganização dos paradigmas para dar conta dos novos problemas que surgem e explicá-los; trata-se, portanto, de uma constante revisão de conceitos e métodos de coleta e análise de dados. É desta maneira que os pressupostos da Fonologia Gerativa clássica em certo ponto não conseguiram dar conta de fenômenos como o registrado, por exemplo, no Kaingang¹⁹, em que “[...] consoantes subjacentemente nasais, ao constituir sílaba com vogais orais, ganham contorno desnasalizado, originando nasais pós e pré-oralizadas [...]” (D’ANGELIS, 1998, p. 107), conforme fica exposto em 1a em oposição a 1b:

1a. mēŋ => ['mēŋ] = <i>mel, abelha</i>	1b. meŋ => ['mbəŋ] = <i>grande</i>
mõ => ['mõ] = <i>jabuticaba</i>	mɔ => ['mbɔ] = <i>espiga</i>
mēŋ => ['mēŋ] = <i>criação (animal)</i>	mεŋ => ['mbεŋ] = <i>machado</i>
mũ => ['mũ] = <i>mandi (peixe)</i>	muŋ => ['mbugŋ] = <i>imbu</i>
nēŋ => ['nēŋ] = <i>mato</i>	nεŋ => ['ndεdn] = <i>coisa</i>
nõr => ['n ɔ̃ɾ] = <i>dormir</i>	nor => ['ndor] = <i>buraco</i>
kaʃĩn => [ka'ʃĩn] = <i>rato</i>	kɔʃĩn => [kɔ'ʃĩdn] = <i>filho</i>
tõŋ => ['tõŋ] = <i>palmeira</i>	ijŋ => ['ijjŋ] = <i>1ª pessoa singular</i>

¹⁹ Língua pertencente à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. É falada por uma população cujas aldeias estão espalhadas pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

ηῶρ => ['ἡ ῶ̃ɾ] = milho

ηῶη => ['ἡῶḡḡḡ] = bugio

ἡῦ => ['ἡῦ] = moer

ἡῦῶ => ['ἡḡu'fῶ] = os antigos

Fonte: D'ANGELIS, 1998, p. 107.

Por este rápido comentário encontrado de tese de doutorado que se dedicou a analisar a supracitada língua é possível extrair o fato de que determinados segmentos nasais adquirem um contorno desnasalizado. Ou seja, dentro de um mesmo segmento, ocorreu a mudança da valência do traço, de [+] para [-]. Neste tipo de observação aparece uma significativa característica de uma abordagem não-linear: o fato de considerar que os traços possuem uma organização hierárquica que independe do segmento sonoro, podendo exacerbá-lo ou ser menor; outra característica fundamental é o fato de que “o apagamento de um segmento não implica [...] o desaparecimento de todos os traços que o compõem” (HERNANDORENA *apud* D'ANGELIS, 1998, p. 59).

As representações da Fonologia Autossegmental buscarão uma forma que não seja linha reta, apresentando a forma bidimensional para expor os seus esquemas.

1.2.4 O tratamento da Fonologia Autossegmental

Para o escopo deste trabalho, recupera-se a definição de Crystal (1985, p. 117), o qual expõe que

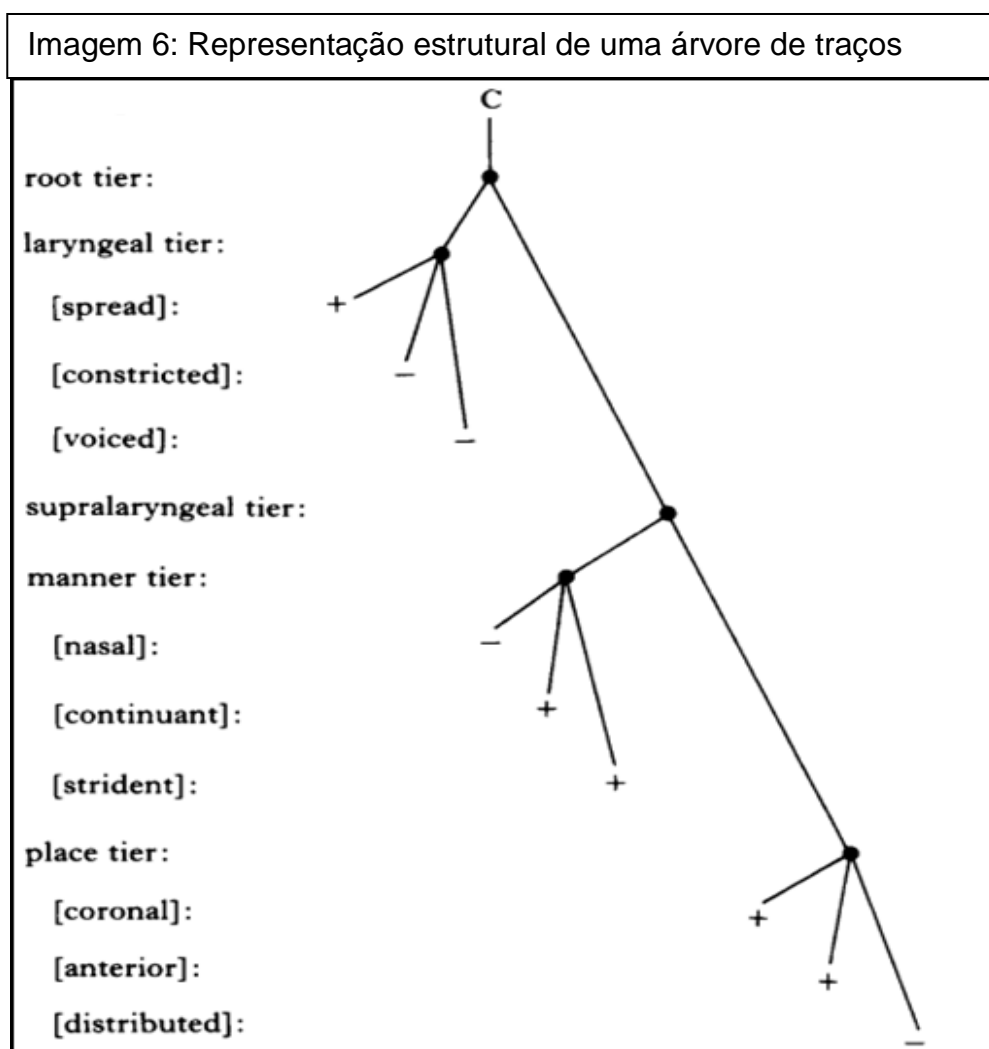
[...] a abordagem auto-segmental vê a fonologia como diversos “degraus” [...] ligados uns aos outros por linhas de associação que indicam como devem ser co-articulados. Elaborada originalmente para tratar de fenômenos tonais, a abordagem passou a lidar com outros traços com mais de um segmento, especialmente harmonização vocálica e consonantal.

Esta postura de análise interpreta os traços como elementos autônomos em relação aos segmentos sonoros; a existência de “degraus” revela o desprendimento da interpretação em linha. No âmbito do PB, podemos expor os exemplos expressos em 1c:

- 1c. Muito [ˈmũy̯tu]
Maçã [maˈsã]

A segunda palavra presente em “1c” não permite que o traço nasal caminhe em direção à primeira vogal “a”; já na primeira palavra constante em “1c”, existe um grupo de força, com vogal alta que estão no limite do travamento da sílaba, o que provoca a nasalização.

Na perspectiva de compreensão autossegmental, encontra-se a Geometria de Traços que os apresenta de forma hierarquizada, conforme a imagem 6 demonstra.



Fonte

: CLEMENTS, 1985, p. 248.²⁰

²⁰ Tradução dos termos presentes na figura 3 realizada pela autora deste trabalho: root tier – camada raiz; laryngeal tier - camada laríngea; spread – espalhar; constricted - constringido;

O princípio da hierarquia é a raiz, a qual são relacionados todos os traços que podem compor o segmento de maneira direta ou indireta. Os traços propriamente ditos são os elementos terminais e estão agrupados, em camadas distintas, aos chamados nós de classe; esses existem quando se comprova que um grupo de traços se comporta segundo seu domínio. As linhas demonstram a associação entre os traços, do nó raiz até que se chegue ao símbolo terminal. Clements sumariza o traçado desta forma de representação, explicando que “The hierarchical organisation of a segment has the formal structure of a tree diagram rooted in one or more elements [...] whose terminal symbols are the feature specifications (+) and (-) [...]”²¹ (1985, p. 247).

Numa revisão teórica sobre a *Geometria*, Clements & Hume (1995), apresentam uma revisão do modelo teórico, ao indicar um conjunto único de características articulatórias, tanto para vogais, quanto para consoantes, aproximando-os, ao demonstrar que existe uma estreita relação fonológica entre ambos os segmentos sonoros, aos atribuir-lhes os mesmos traços, conforme fica exposto no quadro 2.

Quadro 2: Alinhamento dos traços dos sons vocálicos e consonantais segundo Clements (2006)		
Features	In consonants	In vowels
[labial]	labials, labialized consonants	rounded vowels
[coronal]	coronals, palatalized consonants	front and retroflex vowels
[dorsal]	velar and uvular consonants	back vowels
[pharyngeal]	uvular and pharyngeal	pharyngealized vowels ²²

voiced - vozeado; supralaryngeal tier - camada supralaríngea; nasal – nasal; continuant – contínua; strident – estridência; place tier - camada de lugar; coronal – coronal; anterior – anterior; distributed – distribuído.

²¹ Nos escritos originais de Clements, os sinais de + e – estão colocados entre aspas simples; optou-se pelos parênteses, para evitar ambiguidades, visto que em dias atuais a junção destes sinais geraria um símbolo frequentemente usado em trocas de mensagens de texto. Tradução realizada pela autora deste trabalho: A organização hierárquica de um segmento tem a estrutura formal de um diagrama de árvore enraizado em um ou mais elementos [...] cujos símbolos terminais são as especificações de características (+) e (-).

²² Tradução realizada pela autora deste trabalho: Traços: labial; coronal; dorsal; laríngeo. Nas consoantes: labiais, consoantes labializadas; coronais; consoantes palatizadas; consoantes

	consonants	
--	------------	--

Fonte: CLEMENTS, 2006, p. 10-11.

Muitas são as representações arbóreas surgidas de acordo com a interpretação de cada pesquisador que se ocupa em dar conta de diferentes questões da descrição Fonética/Fonológica, tomando para si estes princípios teóricos. Abordando especificamente o traço nasal, apresenta-se a interpretação de Bisol que, a propósito de debater a questão das vogais nasais no PB, define que “A relação do traço nasal com a raiz (r) se estabelece diretamente, isto é, sem intermediários e sem nós pendentes, o que lhe empresta expressiva independência [...]” (2002, p. 503).

Cabe também pontuar a proposta de Pigott, debatida por D’Angelis (1998), Bisol (2002) e Costa (2007), que propõe que o traço nasal tanto pode estar vinculado a um nó *soft palate* (véu palatino), como a um nó *spontaneous voicing* (vozeamento espontâneo), gerando, assim, padrões diferentes de harmonia nasal (processo explicado mais adiante). Isso é possível porque, de acordo com aquele autor, há duas possibilidades de organização do traço nasal²³.

1.2.4.1 O espalhamento do traço nasal e a harmonia nasal

Abordagens como esta, em que os traços são tomados de forma independente do segmento, outro conceito ganha espaço e importância nas análises Fonéticas/Fonológicas acerca do tema: o espalhamento do traço, fenômeno no qual se percebe o compartilhamento do traço ou nó entre os segmentos. É o que ocorre com os exemplos expostos por Moraes & Wetzels (1992)²⁴:

1d. Cama - [‘kãma]

Cano - [‘kãnu]

1e. Camada - [ka’mada]

Flamengo - [fla’mêgu]

velares e uvulares, consoantes velarizadas e enfáticas; consoantes uvulares e faríngeas, consoantes faríngeas e enfáticas. Nas vogais: vogais arredondadas; vogais posteriores e retroflexas; vogais anteriores; vogais faríngeas.

²³ O autor em questão toma, como exemplos do primeiro padrão, línguas Malaio-Polinésias e línguas ameríndias da América do Sul para exemplificar o segundo padrão.

²⁴ O segundo exemplo presente em 1d não consta no trabalho citado e foi adicionado ao escopo pela autora deste texto para complementar o quadro comparativo.

Em 1d tem-se, na junção da sílaba, a presença da consoante nasal em contato com uma vogal que assimila o traço nasal do segmento contíguo. Já em 1e, há novamente o contato entre vogal e consoante nasal em junção de sílaba, porém elas não assimilaram o traço nasal da consoante. No primeiro grupo, ocorreu o espalhamento regressivo do traço nasal da consoante para a vogal anterior; no segundo grupo isso não foi registrado.

No caso dos exemplos em 1c o espalhamento se deu em seguimentos contíguos. Isso, porém, não é a regra, pois o espalhamento pode atingir também os segmentos não contíguos, rompendo o limite da sílaba; há, ainda, situações em que o traço não é compartilhado com o segmento próximo, mas com o que está mais distante. Ao tratarem do espalhamento do traço da nasalidade, Costa & Malta pontuam que

[...] devemos definir seis pontos:

1. As fontes da nasalidade: gatilho ou origem do traço [nasal];
2. O(s) alvo(s) do espalhamento nasal: segmentos que recebem o traço [nasal];
3. Os segmentos transparentes à harmonia nasal: aqueles que deixam passar a nasalidade e não se nasalizam;
4. Os segmentos opacos à harmonia nasal ou bloqueadores: os que interrompem o espalhamento;
5. As direções do espalhamento: direita, esquerda ou bidirecional; e
6. O domínio do espalhamento. (2015, p. 139).

A observância a estes aspectos (origem, alvo, transparência, opacidade, direções e domínio) permite traçar metodologicamente e melhor construir a compreensão acerca dos processos de espalhamento por meio dos quais ocorre a harmonia nasal, que existe exatamente quando o traço [nasal] se espalha para segmentos não contíguos, conforme supracitado. A ocorrência de padrões de harmonia nasal bastante distintos pode ser encontrada nos exemplos expostos em 1f:

- 1f. Cozinha – [kũ'zĩɲe]
- Governo – [gũ'vêxɲv]
- Pepino – [pĩ'pinv]
- Cotonete – [kõtõ'nɛtʃĩ]
- Exame – [ĩ'zãmĩ]
- Pupunha – [ĩĩĩnɛ'rariuv]

Itinerário – [pũ'pũɲɐ]

Fonte: COSTA; MALTA, 2015, p. 140.²⁵

Nos três exemplos selecionados é possível perceber o registro de um traço nasal que tem origem na consoante nasal da terceira sílaba de cada palavra e se espalha da direita para esquerda, atingindo até a vogal da primeira sílaba (não contígua, portanto). Este tipo de fenômeno não seria adequadamente descrito pelas análises gerativas, não explicitando a real condição de coarticulação envolvida no processo.

1.3 A nasalidade e a nasalização de vogais no Português Brasileiro (PB)

Um olhar diacrônico sobre a nasalização do PB, remonta ao processo de evolução da nasalidade desde o Latim até o Português. No latim, clássico ou vulgar, a categoria de vogal nasal era inexistente; Hricsina (2013), ao descrever o sistema vocálico latino, não faz menção à existência de vogais nasais.

Ao evoluir para o português arcaico, registros de demonstram que a nasalidade das vogais era bem marcada nesse período (Bueno, 1997). Essa característica foi atribuída ao fato de que as vogais latinas em contato com consoantes nasais deram origem a vogais nasais, como pode ser visto em 1g:

- 1g. manum – mão
uĩnum – vinho
canes – cães

Fonte: WILLIAMS, 1961, p. 108.

Santos (2013) sumariza a questão, ao pontuar que “[...] Embora não fossem registradas vogais nasais ou nasalizadas no latim, com o passar do tempo, e durante sua transformação para a nova língua, percebemos que provêm do latim os ambientes fonológicos que mais tarde originariam a nasalidade no português” (p. 26-27).

²⁵ A autora se refere a uma variedade específica do PB falado em Vitória da Conquista - BA para fazer tal registro.

Em contrapartida havia, nas localidades de Lisboa-Coimbra, uma forma variante, a qual não marcava a nasalidade das vogais de forma tão abrangente (Bueno, 1958). Na contemporaneidade, o Português Europeu apresenta uma nasalização de vogais menos demarcada que o PB, conforme indicado pelo referido autor:

“[...] a nasalidade era muito mais acentuada no período arcaico do que o é hoje no português europeu. Serve de tipo intermediário a expressão do Brasil. Mantemos, como era regra certa, na época trovadoresca, a nasalização da vogal que fôsse seguida de *m* ou *n*: câ-ma; sã-to; vê-to; tĩ-no. Em Portugal, no tipo oficial de Lisboa-Coimbra, já isto não se observa e estas mesmas palavras soam aos nossos ouvidos: cá-ma; sãn-to; vén-to [...]” (BUENO, 1958, p. 78).

Esse comentário demonstra que o aspecto da nasalidade no português, brasileiro ou europeu, tem suscitando, já há bastante tempo, nos pesquisadores a necessidade de descrever as características deste fenômeno em diferentes comunidades de fala; este trabalho se inscreve neste escopo.

Por esta razão, propõe-se finalizar este capítulo fazendo um percurso sobre os achados de algumas pesquisas feitas neste sentido. Este terceiro subtópico demonstrará, ainda, como as questões sobre o traço [nasal] têm sido estudadas no que se refere ao PB.

1.3.1. Breves considerações sobre as consoantes nasais

O fato de que será abordada de forma mais detalhada a questão da vogal nasal no âmbito do PB se dá por ser este o tema central deste trabalho. Contudo, faz-se necessário pontuar as consoantes nasais deste sistema fonológico, conforme exposto no quadro 3. Pontuá-las é de extrema importância, haja vista que uns dos processos através do qual as vogais encontram o traço [nasal] é pelo contato com uma delas. Além disso, os achados desta pesquisa (e também de outras pesquisas relacionadas à nasalização do PB) demonstraram que a natureza da consoante nasal também influencia no processo de espalhamento do traço [nasal]: quando a vogal esteve diante de [m], o percentual de aplicação do traço diminuiu consideravelmente.

Quadro 3: Consoantes nasais do sistema fonológico do PB				
Articulação		Bilabial	Alveolar	Palatal
Maneira	Lugar			
nasal	vozeada	/m/	/n/	/ɲ/ ²⁶

Fonte: Silva, 1998, p.48

Barbosa (1995) sumariza a realização dos supracitados fonemas, relacionando-os aos seus devidos fones:

- O fonema nasal bilabial /m/ que se realiza através de um fone de oclusão durativa e um nasal de oclusão breve: ambos os fones estão em distribuição complementar e ocorrem em posição inicial e medial na palavra;
- O fonema nasal alveolar /n/ que se realiza por um fone de oclusão durativa, um fone de oclusão breve e um pré-palatal: também os três fones ocorrem em distribuição complementar em posição inicial e medial na palavra;
- O fonema nasal palatal se realiza por meio de quatro alofones: /ɲ/; /ɲ-/; /ŋ/; /ŋ-/: não são contrastivos, nem comportam substituição mútua. Esses fones são os únicos passíveis de ocorrer em posição inicial, medial e final; neste último caso, é antecedido por uma vogal central ou posterior, conforme os exemplos: 1) bom – [‘bõŋ-], antecedido por vogal anterior; lâ – [‘lãŋ-], antecedido por vogal central.

As observações da supracitada autora se relacionam com o falar amazonense. Ao realizar descrições do falar paulista padrão, também Cagliari (1982) registra a realização da nasal velar /ŋ/, informando que “No final de palavras, podemos encontrar a nasal palatal ou nasal velar, condicionadas pela vogal que as precede, da seguinte maneira: se a vogal for anterior, a nasal será palatal; se for posterior, a nasal será velar [...]” (p. 84).

1.3.2 A nasalidade contrastiva e a nasalidade vocálica alofônica

²⁶ A palatal ocorre efetivamente na fala de poucos falantes do PB. Normalmente ela é realizada como o glide /j/.

No tocante à realização de sons vocálicos nasais no sistema fonológico do PB, não há divergências teóricas quanto ao fato de que existem duas regras que norteiam a ocorrência das vogais em contextos nasais. Trabalhos de orientação estruturalista, como o de Mattoso Câmara Jr. (2011); gerativa, como o de Duarte & Teixeira (1979); ou não-linear, como o de Costa & Malta (2015) registraram e referendaram a existência dos dois contextos.

Para distinguir ambas as ocorrências, observa-se, inicialmente, os exemplos constantes em 1h e 1i:

1h. Leda	1i. Lenda
Juta	Junta
Cito	Cinto
Cata	Canta

Fonte: CÂMARA JR., 1970, p. 47 – para os três primeiros exemplos.

As palavras em 1h registram emissão oral no mesmo contexto fonológico em que as palavras de 1i registram emissão nasal. Esta alternância gera contraste de significados, já que é evidente que a palavra de um campo não significa o mesmo que seu par opositivo. Este primeiro padrão pode ser denominado por nasalidade contrastiva.

É também bastante claro que os processos de 1h e 1i são distintos dos ocorridos em 1j e 1k:

Banana	1j. [ba'nãna]	1k. [bã'nãna]
Amizade	[ami'zadi]	[ãmi'zadi]
Anel	['anɛw]	['ãnɛw]

Fonte: (MARTINS, 2018).

Neste segundo bloco de palavras, também ocorreu a mudança de uma emissão oral por uma emissão nasal no mesmo contexto fonológico. Isso, entretanto, não gera contraste, pois os pares elencados resultam no mesmo significado, não sendo, portanto, contrastivos. Este segundo padrão pode ser denominado como nasalidade vocálica alofônica.

É comum encontrar, em diferentes trabalhos acerca da questão, várias formas de nomear ambos os casos²⁷. O escopo deste trabalho adotará, daqui para diante, a seguinte nomenclatura: Nasalidade Fonológica, quando tratar de situações análogas ao primeiro exemplo; Nasalização variável, para indicar algo relativo à segunda questão, alvo específico do recorte deste estudo.

A nasalização variável, não contrastiva conforme visto, é resultado do espalhamento do traço [nasal] para a vogal contígua, pode ter diferentes manifestações nos falares do PB. É o que o registram Moraes & Wetzels, ao afirmarem que

[...] a nasalização alofônica está fortemente condicionada pelo fator regional sendo a freqüência de aplicação da regra decrescente no sentido norte —> sul do país. No Nordeste, ela tem maior índice de aplicação [...] no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo apenas tônicas sofrem nasalização [...] enquanto em São Paulo, com freqüência, não se nasalizam as vogais tônicas [...] (1992, p. 55).

Conforme a própria citação deixa explícito, a ocorrência da nasalização fonética não é influenciada apenas por questões particulares ao sistema linguístico, mas também por aspectos extrassistêmicos²⁸, ratificando a existência de regularidade na variação, sendo possível a observância de um padrão existente na sua aplicação. Os cortes espaciais promovidos pelos autores neste ponto do texto deixam entrever a necessidade de estudos que melhor determinem as ocorrências em comunidades de fala específicas, haja vista serem muito extensos, referindo-se a regiões como um todo, ou a estados inteiros.

Também o mencionado espalhamento não ocorre de forma aleatória; ainda a título de características gerais desta ocorrência, cabe citar que é “[...] mais perceptível em vogais baixas do que em altas, que, em muitas variedades

²⁷ Citando alguns exemplos: Silva (1998) adota os termos nasalização e nasalidade para referenciar os casos análogos aos nossos exemplos 1 e 2, respectivamente. Moraes & Wetzels (1992) utilizam a nomenclatura nasalidade contrastiva e a nasalidade vocálica alofônica, respectivamente. Bisol (2002) e Abaurre & Pagotto (2002) utilizam as palavras nasalização e nasalidade livremente para fazer referência às duas situações, acrescentando termos como Fonética, Fonológica e Distintiva para diferenciar um sistema do outro.

²⁸ São próprias do sistema linguístico as observações que tomam por parâmetro, por exemplo, a posição da variável dentro da sílaba, da sílaba em que está a variável em relação à sílaba tônica, características dos traços. São extrassistêmicas as observações que dizem respeito à interação da língua com o contexto, destacando o lugar, características dos falantes, graus de formalidade e informalidade, entre outros aspectos. Esta conceituação será melhor desenvolvida no segundo capítulo deste trabalho.

do português, restringe-se à sílaba tônica ou dela derivada [...]” (BISOL, 2002, p. 503). Significa dizer que as vogais /a/, /ɛ/ e /ɔ/ são as vogais mais passíveis de assimilar o traço [nasal]; não por acaso, nos exemplos presente em 2d, a vogal nasalizada foi /a/. Não significa, entretanto, a total exclusão do processo com outras vogais. Estas definições podem ser combinadas às de Costa & Malta (2015) com o objetivo de enriquecer as possibilidades de análise sobre a questão do espalhamento do traço [nasal].

1.3.3 Reflexões em torno da questão: existe vogal nasal no PB?

Neste ponto do trabalho, faz-se necessário que o olhar esteja voltado apenas para os fatos da nasalidade fonológica, pois os conceitos que serão debatidos nesta altura dizem respeito a tal fenômeno. Ao ler inventários sobre os fonemas da Língua Portuguesa, é comum encontrar a descrição de que existem sete fonemas vocálicos orais que se opõem aos cinco fonemas vocálicos nasais. Vogais orais e nasais do PB estão dispostas nos quadros 4 e 5, respectivamente. Entretanto, o estatuto da vogal nasal como fonema da Língua Portuguesa é constantemente debatido e questionado.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred	Não arred	Arred	Não arred	Arred	Não arred
Alta		i			u	
Média-alta		e			o	
Média-baixa		ɛ			ɔ	
Baixa				a		

Fonte: SILVA, 1998, p. 79

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred	Não arred	Arred	Não arred	Arred	Não arred
Alta		ĩ			ũ	

²⁹ Este inventário é definido na posição da sílaba tônica. Se tomarmos, por exemplo, a posição pretônica ou final de palavra, este quadro diminui.

Média	ẽ		õ
Baixa		ã	

Fonte: (*Idem, Ibidem*).

Acerca da problemática, inicialmente apresentamos a visão de Câmara Jr., cujo posicionamento defende que “a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal.” (2011, p. 48). Uma interpretação bifonêmica, que considera que vogal nasal é, na verdade, o resultado da junção de uma vogal oral e um arquifonema³⁰ nasal (representado como /N/). Nesta interpretação, fica clara a filiação de Câmara Jr. às formulações do Estruturalismo do Círculo Linguístico de Praga.

Um dos argumentos apresentados pelo teórico para justificar a sua posição é o fato de que não há, no português, hiatos que sejam formados por vogal nasal. Nos casos em que isso aconteceria, o traço de nasalidade simplesmente desaparece, como na oposição entre bom (/boN/) e boa. Câmara Jr. não está sozinho neste julgamento, liderando uma corrente de pesquisadores que fizeram uma interpretação bifonêmica acerca da vogal nasal.

Mira Mateus *apud* Bisol (2002, p. 502), por exemplo, também apresenta um indício que deporia a favor da interpretação bifonêmica: a desnasalização do prefixo “-in”, que pode aparecer sob a forma de uma vogal nasal em impossível, perdendo, porém, o traço nasal quando diante de líquidas como é o caso da palavra ilegal³¹.

Também nesta linha, estudo apresentado por Moraes & Wetzels (1992), a partir de um experimento no qual observaram a duração da produção dos segmentos nasais e nasalizados, concluiu que a vogal nasal não é uma realidade fonológica, estando presente apenas na superfície, como mostrará a imagem 7 com o exemplo da palavra “campo”.

O objetivo neste experimento era partir de aspectos próprios da Fonética (como a duração do tempo de produção do segmento sonoro) para construir

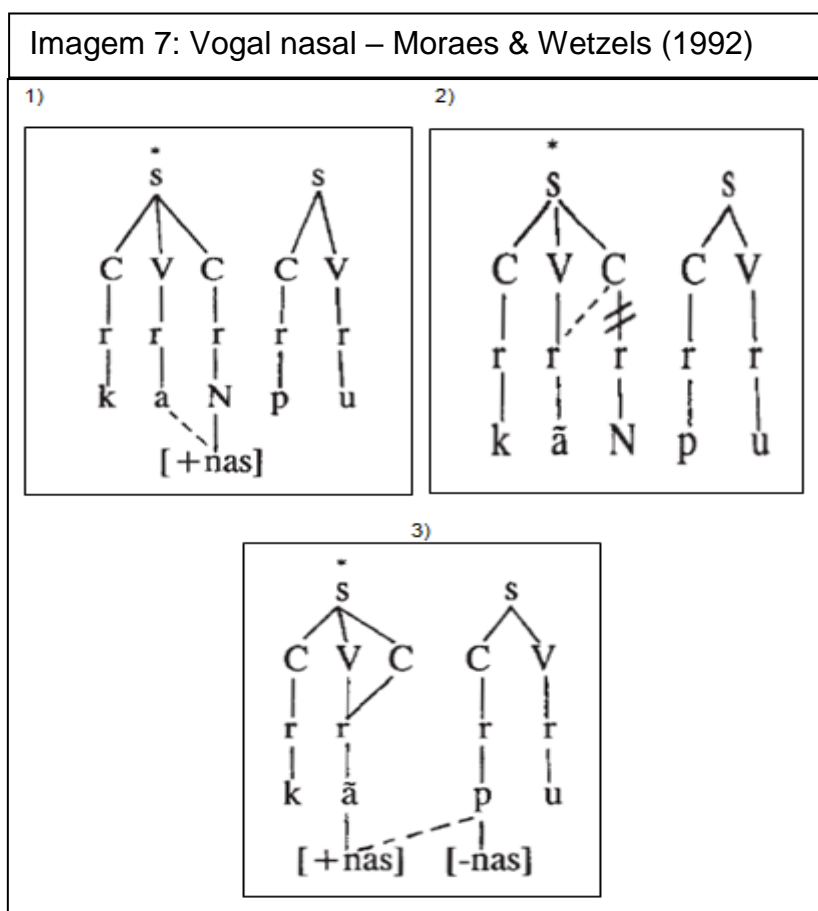
³⁰ Conceito produzido no Círculo Linguístico de Praga e usado para designar situações em que os fonemas em determinadas posições das palavras perdem sua distintividade.

³¹ Esta questão comporá o corpus da coleta de dados desta pesquisa, pois se tem a hipótese que o caráter nasal do prefixo “-in” possa esteja conservado de alguma maneira na variedade falada na cidade de Manaus.

afirmações sobre o sistema fonológico. Constatou-se que a duração dos segmentos nasalizados era ligeiramente menor que a duração dos segmentos orais, enquanto que os nasais eram maior, reforçando a ideia de que tal segmento abrigaria processos distintos. Desta forma, os esquemas presentes na imagem 7, indicam que:

- 1) tem-se na estrutura profunda uma consoante nasal compartilhando o seu traço [+nasal] com a vogal contígua anterior;
- 2) a consoante nasal cai, gerando um alongamento compensatório da vogal nasalizada que ocupa temporalmente duas posições, daí a justificativa para a sua duração temporal maior;

na representação de superfície tem-se a impressão de uma vogal única. A base teórica para esta interpretação é a abordagem autossegmental.



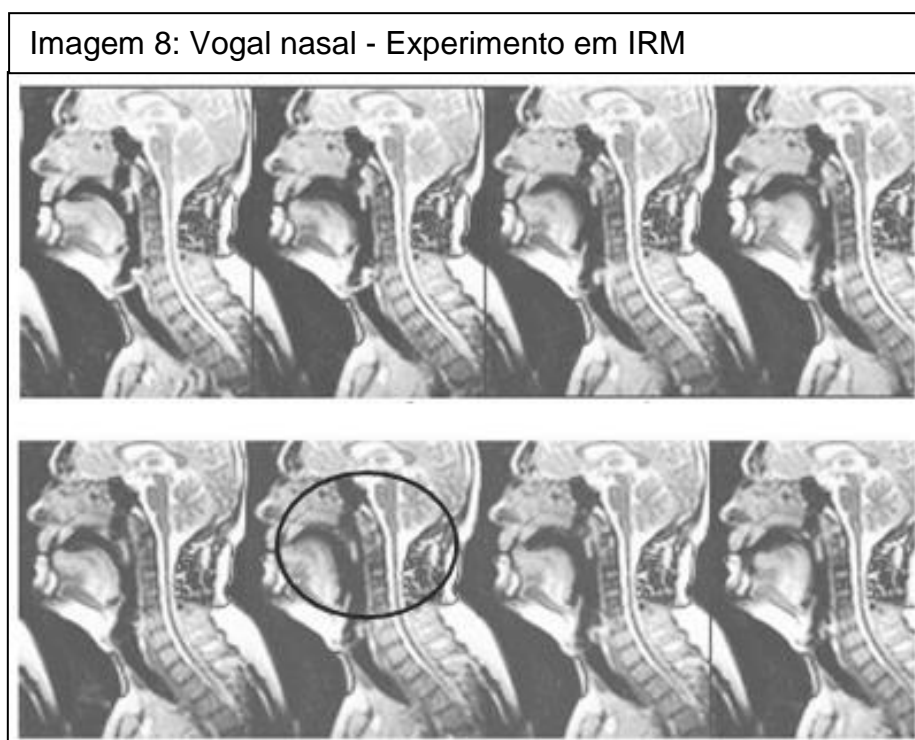
Fonte: Moraes & Wetzels, 1992, p. 161-162.

Os estudos até aqui expostos são de ordem Fonológica, trabalhando seus argumentos no âmbito do sistema da língua. Porém os trabalhos que se

baseiam em aspectos fonéticos, normalmente desenvolvidos a partir da montagem de experimentos, também debateram a questão.

O outro viés do debate sobre o estatuto da vogal nasal interpreta-a como contrapartes das vogais orais, sendo, portanto, fonemas efetivos. Nesta perspectiva, Cagliari (1977), produziu trabalho em Fonética experimental com o qual argumenta que a vogal teria assimilado a consoante nasal por completo, transformando-se em nasalizada.

Nesta perspectiva, cabe observar o estudo produzindo por Medeiros & Demolin (2006), também baseado em experimento para coleta de dados (imagens produzidas em sequência por ressonância magnética [IRM], nas quais se aparece o informante no momento em que pronuncia pares mínimos como “cito-cinto”).



Fonte: MEDEIROS; DEMOLIN, 2006, p. 138.

Como resultado, constatou-se o total levantamento do véu-palatino enquanto se realizava a pronúncia de “cito” e das outras palavras sem traço [nasal]; quando na pronúncia da palavra “cinto”, e das outras palavras com traço [nasal], o véu-palatino abaixou-se momentaneamente; as fotos presentes na imagem 8 demonstram esta diferença.

Os autores não fizeram afirmações categóricas, porém permitem que os resultados obtidos com as imagens demonstrem o estado articulatorio das vogais testadas em contexto nasal, as quais são compatíveis com a característica da produção de um som nasal. Neste caso, as imagens produzidas se configuram como forte argumento em favor de uma interpretação monofonêmica acerca da vogal nasal.

Longe de pretender elucidar uma questão tão complexa, este trabalho concorda com Medeiros (2007), ao pontuar que o termo “bifonêmica”, frequentemente usado para fazer referência ao estatuto da vogal nasal, expõe a exata complexidade da questão aqui debatida, pois:

- Pressupõe a existência de dois fonemas passíveis de serem segmentados, porém o trabalho de Moraes & Wetzels (1992) demonstrou que isso apenas é possível na análise da estrutura profunda;
- Ao mesmo tempo, abriga perfeitamente a ideia de que a suposta vogal nasal possui pelo menos duas fases: uma breve parte oral e outra efetivamente nasal.

Tampouco é objetivo deste trabalho posicionar-se diante da questão antes de analisar os dados coletados, para que possam dar substância a qualquer tipo de contribuição que se pretenda fazer neste sentido, pois, conforme observado anteriormente, muitos são os estudos experimentais que apresentaram algum tipo de contribuição para este debate.

1.3.4 Estudos descritivos sobre a emissão de vogais nasais e nasalizadas no PB

Neste trecho final do capítulo, retoma-se a nasalização variável, pois, dada a sua natureza variável, tem sido alvo de muitos trabalhos que se propõem a explicar e descrever as condições para a sua ocorrência. Como esta pesquisa se inscreve neste escopo, julgou-se relevante elencar os achados de alguns estudos análogos e recentes.

O trabalho de Cagliari (1977) propôs um experimento com o qual foi possível separar a corrente de ar que ressoava na cavidade oral da corrente de ar que saía pela cavidade nasal, o que possibilitaria a descrição clara a respeito das emissões dos sons nasais. O experimento solicitou leitura aos falantes de sentenças predefinidas e, posteriormente isolou os contextos em que a nasalização se manifestou. Do experimento, concluiu-se, entre outras questões, que:

- A vogal que ocorre antes de uma consoante nasal pode ser totalmente nasalizada.
- Quando a vogal ocorre após uma consoante nasal, pode ser parcialmente nasalizada na metade inicial de sua duração.
- Nos casos de hiatos, entendido nos limites determinados pelo trabalho, a primeira vogal é predominante oral e a segunda predominante nasal.

A pesquisa de Abaurre & Pagotto (2002) está vinculada ao Projeto NURC (Norma Urbana Culta) e aborda a nasalidade Fonética do PB, buscando compor um *corpus* de referência nacional; os dados da pesquisa foram coletados em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre:

- Em suas conclusões, as autoras apontam para o fato de que em sílabas acentuadas o compartilhamento do traço é quase categórico;
- Quando a consoante nasal palatal é a fonte do traço [nasal], a vogal se nasaliza em cem por cento dos casos;
- A presença de consoante nasal precedendo a variável condiciona fortemente a nasalização; *onset*³² vazio inibe o compartilhamento do traço [nasal]; *onset* preenchido por consoantes não nasais não inibe totalmente a nasalização:

Tabela 1: Realização nasal segundo a natureza do <i>onset</i>	
Vazio	40%
Consoante nasal	85%
Consoante não nasal	44%

Fonte: ABAURRE; PAGOTTO. 2002.

³² Numa sílaba que não seja formada apenas por uma vogal, tendo portanto somente núcleo, o *onset* (ataque) é a parte inicial da sílaba.

- O fator região geográfica demonstra que Nordeste e Sul³³ do país se opõem: as capitais nordestinas nasalizam mais que São Paulo e Porto Alegre; o Rio de Janeiro foi considerado um meio termo, por apresentar certo grau de aplicação da regra.

Já o trabalho de Santos (2013) apresenta um estudo sobre o fenômeno da nasalização no contexto da comunidade do Distrito de Freguesia do Andirá, município de Barreirinha, no Amazonas. Ao comparar os dados coletados, a pesquisadora conclui, após levantamento diacrônico, que o fenômeno registrado naquela localidade, semelhante à nasalidade do português arcaico, numa variação produzida em Lisboa-Coimbra, na época dos cancioneiros portugueses.

Em determinados contextos de fala, no qual se espera que se nasalize determinada vogal, o traço não aparece. A pesquisadora chegou às seguintes conclusões:

- A nasalidade encontrada na região não segue os padrões do PB, assim como não incorre na nasalização variável;
- Há maior incidência do fenômeno quando há a presença da vogal alta anterior /i/ e da vogal alta posterior /u/ no contexto; a vogal baixa /a/ tem uma influência menor. Neste sentido, a altura da vogal influencia na ocorrência do fenômeno nesta vogal.
- As mulheres tendem a realizar menos o fenômenos; o fenômeno é bastante frequente em pessoas mais idosas, indicando que não é algo recente, tais falantes são também os que menos tiveram contato com a educação formal, o que implica a relevância também desta variável.

O trabalho de Barbosa (1995) faz um apanhado de observações acerca da fala dos amazonenses, contemplando uma série de fenômenos distintos. Embora seu objetivo seja, ao final, demonstrar como estas características de fala podem influenciar a aprendizagem do inglês como segunda língua, dedica

³³ Na conclusão do trabalho, as autoras dividem o país em Norte e Sul; optou-se pela mudança do termo Norte para Nordeste, pois não há efetivamente nenhuma capital do Norte envolvida no corpus da pesquisa. Como estes termos aparecem para fazer menção a um critério geográfico, a correção do termo parece ser mais acertado.

especial atenção à descrição da variedade do falar amazonense. Ao comentar a nasalização, utiliza exemplos extraídos da fala manauara; a própria autora pontua a necessidade de estudos mais completos e explicativos acerca do traço [nasal]. Entre outras questões, o estudo destaca:

- Ocorre nasalização variável em quase todos os casos de vogais seguidas por consoantes nasais, mesmo quando a consoante inicia a sílaba seguinte;
- Poucos são os contextos que fogem a essa regra: vogal inicial de algumas palavras; algumas palavras em que a variável se dá em posição pretônica.

Além disso, outras duas ressalvas precisa ser feitas: 1) seu comentário diz respeito especificamente aos fones das consoantes nasais; 2) seus registros datam de em meados dos anos 1990, podendo oferecer ao presente estudo uma perspectiva diacrônica, ao observar se registros separados temporalmente por mais de vinte anos permanecem com os mesmos padrões ou se, ao contrário, a variedade falada em Manaus apresentou inovações.

Elencamos, ainda, o estudo sociolinguístico desenvolvido por Capistrano (2004) na cidade de Fortaleza, para o qual foram selecionados 20 falantes considerados cultos (professores universitários) e 20 falantes com grau de escolaridade mais baixa, aos quais foram aplicados testes envolvendo fala espontânea e leitura. O estudo revelou que:

- Houve percepção da ressonância nasal em todos os falantes.
- Em posição tônica, a nasalização é de quase cem por cento das ocorrências; em posição pretônica houve variação individual, não sendo possível caracterizar grupos.
- Em relação aos professores universitários, notou-se uma redução em relação à nasalização das pretônicas, fato que pode estar associado ao grau de escolarização e à valoração atribuída pelos falantes a essa questão.
- A nasalização de vogais nas posições pretônicas e tônicas foi considerada relacionada com a percepção da ressonância nasal.

O trabalho de Bisol (2002) aponta para a existência de dois processos de nasalidade no português: a nasalidade por estabilidade e a nasalidade por assimilação, lexical e pós-lexical. Para tal afirmação, a autora faz uso da fonologia lexical e da teoria auto-segmental. A primeira afirma que existem dois tipos de regras fonológicas, as lexicais, as quais estão em interação com a morfologia e as pós-lexicais que se aplicam ao resultado da sintaxe; a segunda toma parte da teoria da Geometria de traços, de Clements e Hume.

Os argumentos utilizados pela autora para defender sua posição, dão conta que:

- O verdadeiro ditongo fonológico, de formação mais subjacente, faz oposição a um ditongo não nasal.
- A nasalidade interna, e a dos ditongos variáveis de final de palavra garantem seu valor fonológico no nível subjacente.

Deste exame de pesquisas anteriores, observa-se que os estudos descritivos têm muito a contribuir para o conhecimento acerca do traço [nasal], ao registrar e descrever processos peculiares a diferentes comunidades de fala. Também é relevante destacar que estes estudos ratificam as observações feitas por Wetzels & Moraes (1992), no que se refere a distribuição geográfica da produção da nasalização no âmbito nacional.

De acordo com Abaurre & Pagotto, a nasalização variável, “[...] por ser um fenômeno variável, manifesta-se de forma diferente em diferentes dialetos do PB, prestando-se, por conseguinte, a uma análise de cunho variacionista [...]” (2002, p.492). Este aspecto variável da nasalização enseja a produção de pesquisas cujo objetivo principal é o de descrevê-lo pela via da Sociolinguística variacionista, como as supracitadas e dentre as quais pretende-se inserir este trabalho. Neste sentido, o intuito de produzir formulações cada vez mais completas e que levem em conta não somente o que é sistemático na língua, mas também a sua relação com o social (no sentido não trabalhado por Saussure, o da relação entre língua em sociedade para além do sistema).

CAPÍTULO 2

O CAMPO DA PESQUISA: A COMUNIDADE LINGUÍSTICA MANAUARA

Localizada à margem esquerda do rio Negro, Manaus foi fundada em 1669, como marco da presença lusitana nesta região numa época em que eram frequentes as disputas entre os países europeus pelos territórios sul-americanos, especialmente na Amazônia, que começava a ser explorada. Essa data tem por referência a construção do Forte de São José da Barra do Rio Negro, por Francisco da Mota Falcão, edificação a partir da qual um pequeno núcleo urbano se desenvolveu, em virtude da importância estratégica do lugar para os interesses da Coroa Portuguesa.

Enquanto foi parte do estado do Grão-Pará, Manaus foi sede da Comarca de São José do Rio Negro. Após a desanexação do estado do Pará e consequente elevação do Amazonas à categoria de província, Manaus se tornou a capital do novo estado (MANAUS, 2012).

Também durante esse período, a região viveu o processo que ficou conhecido como período pombalino, no qual, sob o pretexto de que os indígenas seriam capazes de se autorregerem, implementou-se uma série de medidas, dentre as quais, “[...] a proibição das linguagens nativas, e a obrigatoriedade da língua portuguesa [...]” (MEDEIROS, p. 3). O fato ocorrido deixa claro que, assim como ocorrido nos demais territórios da colônia portuguesa, também na região onde se situa Manaus um dos fatores de dominação sobre as populações indígenas foi a imposição da língua hegemônica, neste caso o português.

A total extinção da presença e herança linguística dos povos indígenas não ocorreu. Além de aspectos lexicais, pontuados por ARAÚJO (2016), o próprio nome da cidade é uma referência aos povos indígenas que habitavam a região dos rios Negro e Solimões: Manaós, cuja escrita atual é Manaus.

Em tempos atuais, a presença indígena é sentida, ainda que sejam minoria quantitativa, pois militam pelo seu espaço na dinâmica da cidade. Exemplo disso é a existência do Parque das Tribos, bairro de Manaus que abriga vinte e quatro etnias, dentre as quais podem ser citadas: Baniwa, Baré, Dessano, Kambeba, Karapano, Kokama, Miranha, Mundurucu, Mura,

Piratapuio, Sateré-Mawé, Tikuna, Tuyuka, Tukano (MARTINS, 2016)³⁴. Também se pode pontuar a existência, nas Secretarias Municipal e Estadual de Educação, de gerências específicas para cuidar da especificidade da Educação Escolar Indígena.

Embora a localização da cidade de Manaus tenha sido estratégica para firmar o domínio português na região amazônica, o processo de formação e consolidação do Brasil como nação resultou no isolamento da cidade em relação ao restante do país. Essa condição, no entanto, foi rompida por dois grandes períodos de efervescência econômica:

- 1) A economia baseada na extração do látex das árvores de seringueira para a confecção da borracha, do fim do século XIX e início do século XX (da qual Manaus herda as construções históricas inspiradas na arquitetura europeia – a Manaus da *Belle Époque* – e que foi rompido quando a planta passou a ser cultivada na Ásia, em áreas mais próximas aos centros consumidores do produto). Este momento ficou conhecido como o período áureo da borracha;
- 2) A implantação da Zona Franca, iniciada no final da década de 1960 e que vigora até os dias atuais. O projeto previa três vertentes de trabalho para o desenvolvimento econômico da região: o comercial, o agropecuário e o industrial; este último, sediado em Manaus, é considerado a base de sustentação deste modelo econômico.

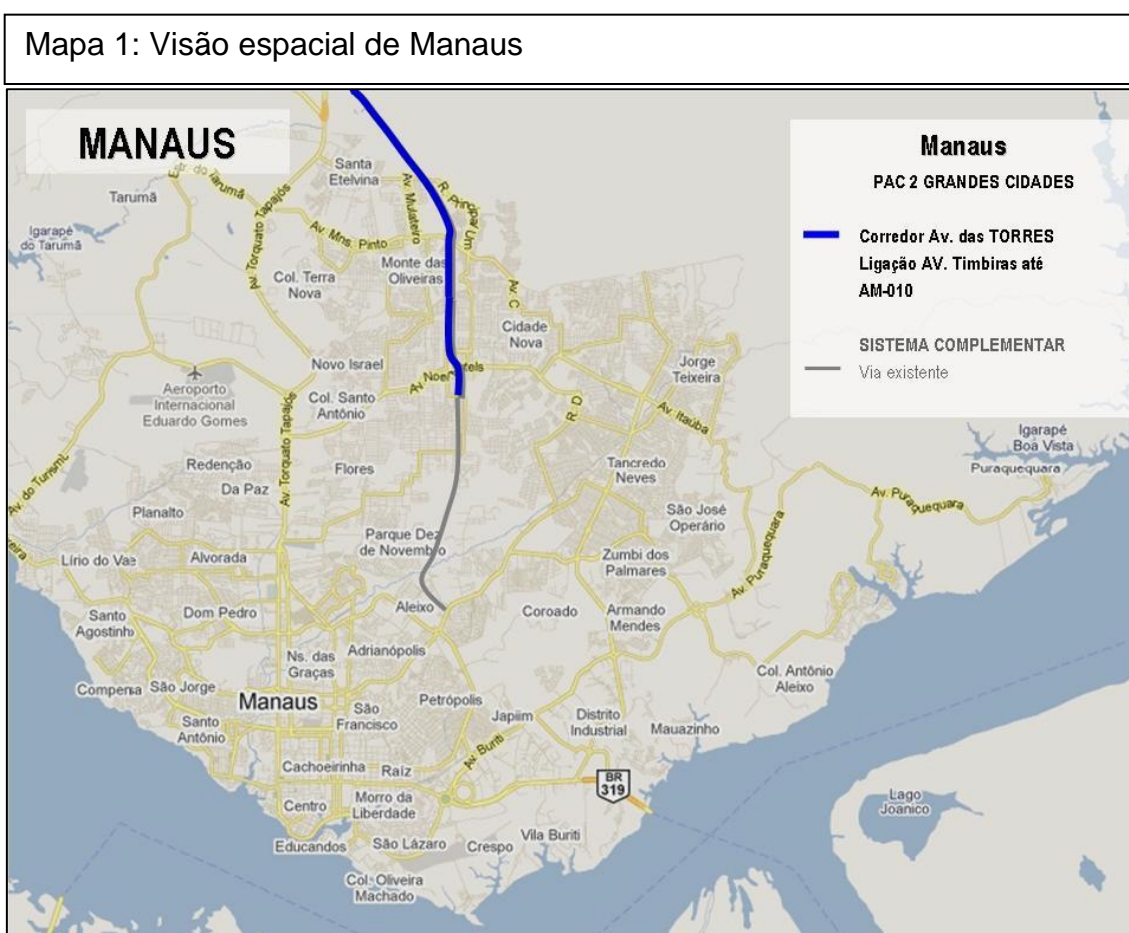
Tais contextos estão na gênese das principais correntes migratórias que afetaram a cidade de Manaus, conforme pontua Andrade

No final do século 19 e primeiras décadas do século 20, a região amazônica recebeu contingentes de migrantes nordestinos para a exploração da *Hevea brasiliensis*, um período conhecido como o Fausto da Borracha [...] Um segundo movimento é a implantação no final da década de 1960 de uma zona franca na cidade de Manaus, intensificando o fluxo migratório periferia-centro do Estado do Amazonas. (2012, p. 87)

³⁴ É importante salientar que as referências a “MARTINS, 2018” estão relacionadas ao escopo deste trabalho, ao passo que a referência “MARTINS, 2016” está relacionada ao trabalho: MARTINS, Valteir. **Lauda linguístico do Parque das tribos**. Manaus, 2016; conforme referenciado ao final desta dissertação.

O mapa 1 demonstra o desenvolvimento do núcleo urbano de Manaus, tendo sua área central ligada ao rio, na qual atualmente vivem cerca de 2.094.391 habitantes, segundo estimativas do IBGE divulgadas em 2016; esse quantitativo populacional ultrapassa a metade da população que vive no estado do Amazonas (4.001.667, segundo mesma fonte)³⁵. Embora se configure como um denso centro urbano, a cidade de Manaus ainda preserva áreas consideradas rurais as quais são constituídas por comunidades ribeirinhas e por núcleos populacionais distribuídos ao longo das rodovias BR-174 (conecta Manaus ao estado de Roraima) e AM-010 (conecta Manaus aos municípios de Rio Preto da Eva e Itacoatiara).

O denso núcleo populacional no qual, em dias atuais, configura-se Manaus fomentou a criação, em 2007, através da Lei Complementar Estadual nº. 52/07, da Região Metropolitana de Manaus pelo Governo do Estado.



³⁵ Número de habitantes do AM chega a 4 milhões em 2016, aponta IBGE. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/08/numero-de-habitantes-do-am-chega-4-milhoes-em-2016-aponta-ibge.html>> Acesso em: 13 de Junho de 2018

O segundo movimento descrito por Andrade ainda é presente na realidade manauara, conforme evidencia o mapa 2, o qual registra a predominância do fluxo de pessoas vindas de cidades da região norte menos desenvolvidas economicamente; grande parte desta atração se deve à presença do polo industrial, o qual também é responsável pelo fato de Manaus ser a cidade com o sexto maior PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil. Os processos de migração salientados ocasionaram significativas influências de toda ordem ao modo de vida da população manauara

[...] Dos colonizadores europeus, os traços existentes na arquitetura. Dos indígenas, o português regional com a inserção de palavras indígenas no léxico, além da culinária e o artesanato que são fortemente caracterizados por essas culturas. Já a dança e a música, e até mesmo a linguagem, carregam traços nordestinos. (ARAÚJO, 2016, p. 21)

Mapa 2: Fluxo das populações para o território de Manaus



Fonte: IBGE, Censo demográfico, 2010 (p. 61).

Apesar do relativo isolamento em relação ao restante do país, Manaus apresenta ligação com outros países da América Latina. Tal característica faz com que, nos últimos anos, a cidade tenha se configurado como “[...] refúgio para populações que tentam escapar da fome e de catástrofes naturais. Nas ruas da capital amazonense, haitianos e venezuelanos buscam sobrevivência diante das fragilidades existentes nos seus países de origem [...]” (HÁ... 2017). Este pode ser considerado um novo ciclo de movimento migratório, o qual tem introduzido outra língua hegemônica na dinâmica social da população manauara: o espanhol.

Embora Manaus seja considerada uma cidade próspera do ponto de vista econômico, a riqueza equacionada em números, ainda não tem significado plena qualidade de vida para a população do município de Manaus. A taxa de saneamento adequado na zona rural é de 0,0%, ao passo que na zona urbana este número sobe para 50,5%. A taxa de pessoas que não sabem ler ou escrever acima dos 60 anos é de 16,7%, número que decresce conforme se analisa um corte populacional mais jovem: o número entre pessoas de 40 a 59 anos é 5,2%; entre pessoas de 25 a 39 anos é 1,9%; de 15 a 24 anos é de 1,2%. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da cidade tem taxa de 0,737, registrando melhorias em relação aos anos anteriores, mas que, ainda assim, coloca a cidade com o 23º IDH na comparação com as demais capitais brasileiras e Distrito Federal (IBGE, 2016).

Com localização situada no centro da floresta equatorial amazônica, a capital amazonense tem crescido sem planejamento e à revelia da natureza que a cerca, sendo constante o desmatamento de áreas verdes para a construção de moradias (legalizadas ou não); também é constante a observação sobre a ausência de árvores nas áreas mais centrais da cidade. Essa é uma questão que tem feito Manaus caminhar em direção oposta à atual preocupação com a preservação dos recursos naturais, ainda abundantes na região amazônica.

Mesmo com a implementação de projetos cujo intuito era a integração da região amazônica ao restante do país, Manaus permanece isolada dos grandes centros urbanos brasileiros pela densa área de floresta que a cerca,

somente podendo ser acessada pelas vias hidroviárias e aeroviárias³⁶; a falta de uma ligação terrestre efetiva acaba por encarecer o transporte pelas duas outras vias. É certo que, em tempos de globalização, falar em isolamento parece ser paradoxal, porém as distâncias e as barreiras naturais ainda não sobrepostas de forma definitiva criam uma espécie de casulo permeável, o qual permite a penetração de alguns elementos característicos de outras manifestações culturais, mas que cultivam as particularidades do ser manauara.

Os aspectos históricos, geográficos, econômicos e sociais aqui expostos “forjaram” os indivíduos cujas características de fala são únicas e usos específicos, razão pela qual se justifica o interesse pelo estudo dos aspectos linguísticos próprios da nasalização da fala manauara.

³⁶ As atuais condições da BR-319, rodovia federal que ligaria Manaus ao restante do Brasil pela via terrestre, com longo trecho sem a devida conservação e com grandes dificuldades de tráfego, não foram consideradas para estas afirmações.

CAPÍTULO 3

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS: PROCEDIMENTOS PARA A DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA E RECOLHIMENTO DE DADOS

Este terceiro capítulo é destinado ao esboço dos fundamentos metodológicos, assim como a base teórica deles, intencionando demonstrar os parâmetros desta pesquisa no tocante aos conceitos básicos da Sociolinguística Variacionista e a sua aplicabilidade no âmbito dos estudos acerca das questões da língua falada.

Pretende-se, ainda, descrever como ocorreu a delimitação dos contextos fonológicos para posterior coleta de dados, a caracterização dos perfis dos informantes, o processo para coleta e processamento dos dados, assim como dos instrumentos utilizados. Esta etapa do trabalho buscou congregiar os elementos da nasalização, já observados no capítulo 1 deste texto, junto aos elementos metodológicos necessários à estruturação e desenvolvimento deste estudo, sem perder de vista os aspectos que caracterizam os contextos nos quais emergem a fala manauara, cuja exposição foi realizada no capítulo 2.

3.1 A Sociolinguística Variacionista

O termo “língua” simula uma ideia de homogeneidade, segundo a qual todos os falantes que de determinado código linguístico se apropriam, usam-no de maneira una e invariável. A suposta uniformidade está presente apenas na superfície, ou, melhor definindo, apenas na aparência (FREIRE, 2011). Tal ideal não sobrevive às reflexões científicas, haja vista que os diferentes campos de desenvolvimento científico da Linguística têm dado conta de demonstrar a variação no uso e a sistematização da variação.

Desde que o corte Saussuriano inaugurou, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*³⁷, aquilo que se convencionou chamar de Linguística Moderna, a linguagem foi compreendida como uma faculdade formada por duas dimensões em oposição complementar: fala e língua³⁸. Esta última,

³⁷ Sabe-se que este livro foi publicado após a morte de Ferdinand de Saussure, por seus alunos. Entretanto, a autoria é atribuída ao mestre genebrino e assim a tradição Linguística faz referências às ideias presentes naquele livro.

³⁸ “*Parole*” e “*Langue*”, como expostos nos escritos originais da obra.

tomada como o objeto do estudo linguístico, foi definida como um produto social (SAUSSURE, 2006); o aspecto social aí apontado não estava significando uma relação entre a língua e as práticas sociais, mas estava dizendo respeito àquilo que era sistemático. Essa orientação epistemológica acabou por relegar à fala um papel secundário no escopo inicial dos estudos linguísticos de inspiração saussuriana.

A recepção destas ideias por diferentes grupos de estudiosos gerou a busca pelo desenvolvimento de suas formulações (neste sentido é preciso pontuar que o estruturalismo baseado nas ideias saussurianas representou um avanço tão significativo para as Ciências Sociais que passou a ser tomado como paradigma científico). Para além disso, também ocorreu um processo de críticas, tal como o entendimento de que se tratava de uma abordagem

“[...] limitada e restrita porque não daria conta da complexidade dos fenômenos linguísticos, cuja compreensão global não poderia ser jamais alcançada com a exclusão de fatores constitutivos como a fala, a enunciação, o sujeito falante, as mudanças, a historicidade [...]” (NARZETTI, 2012, p. 28).

Dentre os teóricos que empreenderam críticas ao direcionamento epistemológico indicado no *Curso*, destacou-se Antoine Meillet, apontado constantemente como discípulo do mestre genebrino, mas que sempre foi enfático ao evidenciar que, ao desconectar a língua do seu efetivo uso, Saussure transformou-a numa abstração.

Do processo de críticas, emergiram movimentos teórico-metodológicos cujo objetivo era “suprir as lacunas” que as ideias saussurianas deixavam entrever. O advento da Sociolinguística, cronologicamente marcado a partir dos anos 1960, ocorre a partir de premissas herdadas da Antropologia Cultural, de Franz Boas (Bortoni-Ricardo, 2014). A partir delas foi possível afirmar que as manifestações linguísticas ocorridas de forma diferente das socialmente prestigiadas não eram inferiores, mas resultado de características sistemáticas. A Sociolinguística é o ramo da Linguística surgido com interesse na observação de várias questões que se delineiam a partir da dinâmica entre Língua e Sociedade, tais como: surgimento e extinção de línguas, bilinguismo, línguas em contato, variação e mudança linguística.

Sobre o aspecto da variação, convencionalmente tratado como Sociolinguística Variacionista (a qual tem em William Labov, o fundador e principal representante) há uma revisita e retomada das afirmações de Meillet ao indicar a necessidade de investigação sobre a evolução das línguas, em seus diferentes níveis, no contexto das comunidades que efetivamente as usam.

Por propor novas premissas, Labov precisou constituir uma metodologia, de base quantitativa, para o levantamento e análise de dados (CALVET, 2002). Das formulações propostas, destacam-se três conceitos importantes para a compreensão da metodologia da Sociolinguística Variacionista:

1. *Comunidade de fala*: grupo de falantes que compartilham o mesmo conjunto de normas e “atitudes” sociais em relação à língua que efetivamente usam.

Quanto a esse aspecto, cabe fazer alguns apontamentos para que seu conceito se torne melhor definido. Segundo, Guy (2000, p. 18), comunidade de fala pode ser definida a partir dos seguintes pressupostos:

- características lingüísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.
- densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais freqüência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.
- normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis lingüísticas.

Isso posto, está-se ciente que a cidade de Manaus se configura como um espaço geográfico e físico, razão pela qual, metodologicamente, delimitou-se a busca por falantes cujas atividades estão centradas num contexto urbano mais central da cidade, a fim de evidenciar os padrões, no que tange ao fenômeno da nasalização variável de vogais, empregados pelos falantes manauaras.

2. *Variante*: as várias formas alternativas que compõem uma variável.
3. *Variável*: fenômeno linguístico que pode ocorrer por meio de mais de uma forma, ou seja, mais de uma variante; “ [...] são duas alternativas

possíveis e semanticamente equivalentes [...]” (MOLLICA; BRAGA, 2015, p; 11). O termo também pode significar conjunto de fatores relevantes para a ocorrência da variação.

Por estudar a língua, considerando “[...] o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social [...]” (LABOV, 2008, p. 19), aspectos externos ao sistema linguístico emergem como fatores primordiais para a formulação de explicações para a ocorrência da variação e mudança linguística. As seções seguintes deste capítulo abordam os aspectos extrassistêmicos relevantes para a realização desta pesquisa.

3.1.1 Variável Gênero³⁹

Embora se tenha o conhecimento acerca da pluralidade tangente ao aspecto do gênero, inseri-los como variáveis nesta pesquisa geraria um aumento significativo de informantes com os quais, talvez, não se conseguisse concluir o trabalho em tempo hábil, visto que ele se desenvolve no âmbito do curso de mestrado. Vale pontuar, entretanto, que a presente abordagem é herança da tradição dos estudos Variacionistas, surgidos num período em que não se tinha o olhar tão atento para as questões sobre a diversidade de gêneros, tão debatida e reivindicada em tempos atuais.

Para o universo desta pesquisa, considerou-se, portanto, dois gêneros binários, o masculino e feminino, sobre os quais é recorrente o debate acerca das diferenças não apenas biológicas, mas também sociais. Nas sociedades ocidentais, dentre as quais a comunidade de fala que estudamos está inserida, papéis distintos socialmente relegados têm, ao longo do tempo, gerado sensíveis diferenças linguísticas, tais como

[...] a predominância de variantes padrão entre mulheres mais velhas reflete uma forma de organização mais rígida em que ao homem cabe desempenhar seu papel de homem e à mulher seu papel de mulher. Dentre as boas atitudes que se espera de uma

³⁹ Quanto a esta variável, é comum encontrar bibliografia especializada chamando-a de “Variável Sexo”, como o disposto em TARALLO (1985) e MOLLICA; BRAGA (2003). Optou-se por adotar a nomenclatura para estar de acordo com os atuais debates sociais sobre tais questões.

mulher está o uso de uma linguagem mais correta, condizente com sua condição feminina. (PAIVA, 2015, p. 41).

Mesmo que, de acordo com Tarallo (1985), o fator gênero tenha se mostrado pouco significativo para variáveis fonológicas, na fala manauara, pesquisas dessa natureza dão conta, por exemplo, que o gênero feminino tem mostrado um maior conservadorismo, pois registra maior percentual de manutenção de um registro mais aproximado das variedades socialmente prestigiadas. É o que constatou o estudo de Berçot-Rodrigues (2014), no qual se verificou que as mulheres têm uma tendência menor em substituir as demais fricativas [f, s, ʃ, v, z, ʒ] pela fricativa glotal surda e sonora [h, ħ].

3.1.2 Variável Faixa Etária

A passagem do tempo é um fator significativo para a evolução e mudança e linguística. Isso pode ser melhor visualizado se tomarmos diacronicamente a evolução do latim para o português em face do processo de nasalização. No processo de evolução e transformação da língua latina para a língua portuguesa, por exemplo, a ressonância nasal ditongou o “ē” de sílabas posicionadas ao fim de palavras, transformando-o em [ēj] (WILLIAMS, 1978), conforme pode ser visto no quadro 6.

Quadro 6: Nasalização - do latim ao português	
Latim	Português
Dēbent	Devem - [devēj]
Bene	Bem - [bēj]

Fonte: *Idem, ibidem*, p. 108

A evolução temporal é, portanto, elencada como um importante fator para a ocorrência de variações e mudanças em determinada língua. Da mesma maneira, debruçar-se sobre este aspecto é atitude fundamental para promover uma explicação tão completa quanto possível de determinado fenômeno linguístico.

Outra forma de relacionar a mudança linguística ao aspecto temporal diz respeito a associar a passagem do tempo com aspecto temporal. Nesta

medida, a diferença de faixa etária pode registrar, por exemplo, uma sensível mudança quanto ao léxico, em virtude da convivência diária com o avanço digital, uma característica própria das gerações mais jovens. Em relação a essa questão, Tarallo assevera que

[...] No caso de você prever um caso de variação que já projete uma mudança dentro do sistema, o fator faixa etária é de extrema importância. Na impossibilidade de fazer um estudo longitudinal (um acompanhamento dos falantes desde a adolescência até a idade madura) sobre a variável, a amostragem da comunidade em grupos etários diferentes lhe dará a dimensão procurada. (1985, p. 47)

A presente pesquisa apresentou a característica da impossibilidade do estudo longitudinal, razão pela qual foi adotada a divisão dos falantes em faixas de idade. Para definição dos cortes etários, foram consideradas informações dos estudos do Instituto de Geografia e estatística (IBGE) sobre a expectativa de vida da população manauara.

3.1.3 Variável Escolaridade

Também o grau de escolaridade é fator de indicação da presença de variação em uma língua. Quanto a esse fator, é importante salientar que o objetivo não é alargar as já evidentes diferenças sociais existentes entre os falantes das variedades de menor prestígio social e os falantes da variedade padrão da língua.

A atuação da escola gera um significativo impacto no relacionamento entre o falante e sua língua materna. Antes de frequentar as salas de aula, o indivíduo tem uma relação natural com língua, desenvolvendo-a de forma empírica, num processo de observação e prática; embora existam intervenções externas e correções.

Uma vez iniciado o processo de escolarização, as interferências no relacionamento entre o falante e sua língua passam a existir de forma muito significativa. O contato com a norma padrão da língua e a noção de certo e errado começam a influenciar os usos que o falante faz de sua língua. Embora esta ação pareça uma influência negativa,

cabe [...] à escola um mérito nada desprezível: o de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma

língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha não faz a mudança, mas mudança nenhuma se faz sem o concurso da escola [...] (VOTRE, 2015, p. 56).

Pelo corte que representa no tocante ao uso que o falante faz de sua língua, considera-se como variável cuja influência pode ser significativa para a ocorrência da nasalização de vogais na fala manauara.

3.2 A seleção da amostra da pesquisa

A Sociolinguística inscreve-se entre as correntes de estudos linguísticos que considera o sistema da língua na dinâmica com o contexto social no qual se insere. Dentre os diversos campos de interesse, a Sociolinguística variacionista é a vertente que se ocupa de investigar os mecanismos de variação e mudança linguística na inter-relação existente com as dinâmicas sociais. Assim sendo, seu objeto é o estudo da língua observada a partir de situações de usos efetivos de fala.

Toda descrição e análise devem partir de tal observação. Dessa forma, é adequado afirmar que se trata de uma abordagem empírica, conferindo aos dados coletados um tratamento quali-quantitativo, a fim de observar os fatores que exercem maior influência para ocorrência da variação.

3.2.1 Das variáveis extrassistêmicas

Diante dos pressupostos teóricos e metodológicos, a abordagem da proposta está estruturada a partir do cruzamento das formulações da Sociolinguística Variacionista (cujas variáveis a serem consideradas no escopo deste trabalho foram expostas na seção 3.1 deste trabalho) e o projeto FAMAC (Fala Manauara Culta - Projeto de Variação Urbana Oral Culta Manauara), mantido pela Universidade do Estado do Amazonas e coordenado pela professora Dra. Silvana Andrade Martins, conforme explicita o Quadro 7.

Para além disso, é necessário: ter nascido em Manaus e não ter se ausentado da cidade por mais 5 anos; ser maior de 18 anos; preferencialmente filho(a) de manauaras (manauara filho de pais nascidos no interior do Amazonas pode ser admitido como informante, uma vez que, conforme

ilustrado pelo mapa 1, a cidade de Manaus recebe um significativo fluxo imigratório do interior do estado Amazonas).

Quadro 7: Definição e cruzamento das variáveis extrassistêmicas / Identificação dos perfis de informantes					
Variável social gênero	Variável social faixa etária		Variável social grau de escolaridade		Identificação do perfil
	1 ^a faixa etária: entre 18 e 45 anos	2 ^a faixa etária: acima dos 46 anos	Baixa/Média escolaridade: sem formação superior completa	Alta escolaridade: com formação superior completa	
Feminino	X		X		Perfil 1 (P1)
	X			X	Perfil 2 (P2)
		X	X		Perfil 3 (P3)
		X		X	Perfil 4 (P4)
Masculino	X		X		Perfil 5 (P5)
	X			X	Perfil 6 (P6)
		X	X		Perfil 7 (P7)
		X		X	Perfil 8 (P8)

Fonte: (MARTINS, 2018).

Para cada um dos perfis indicados, selecionaram-se três informantes, totalizando um universo de vinte e quatro participantes desta pesquisa. Foram priorizados informantes com residência e atividades concentradas na área urbana de Manaus. Outras informações sobre o entorno do falante foram coletadas: profissão, naturalidade do cônjuge, viagens para outras cidades dentro e fora do estado do Amazonas.

Outra observação relevante relativa à seleção dos informantes diz respeito ao fato de que apenas duas faixas etárias foram pontuadas: 18~45 (primeira faixa etária); 46 em diante (segunda faixa etária). Optou-se por esse recorte por se levar em consideração a expectativa de vida da capital amazonense, que, segundo o Atlas do IBGE 2013, é de 74,5 anos; assim, os cortes etários propostos são equivalentes. Essa abordagem também tornaria mais eficaz a busca por informantes pertencentes a segunda faixa etária e com formação superior.

Também com o intuito de aperfeiçoar a busca de informantes com as características delimitadas, fez-se recorte metodológico em dois perfis de

escolarização: baixa/média escolaridade e alta escolaridade. A justificativa para tal se deu pelo fato de que se parte de uma idade mínima de 18 anos, fase na qual se espera que um indivíduo esteja em processo de conclusão de seu Ensino Médio. Embora se saiba da existência da defasagem idade-série, os números supracitados neste trabalho apontam para uma baixa taxa de pessoas sem alguma forma de escolarização formal, razão pela qual dois perfis de escolaridades foram agrupados sob o rótulo “sem formação superior completa”.

3.2.2 Das variáveis intrassistêmicas

De acordo com Mollica (2010), as variações da língua não ocorrem de maneira aleatória, além dos fatores externos à língua, também por fatores internos ao sistema da língua, aqui tratados como variáveis intrassistêmicas; desta maneira é possível, por exemplo, indicar em que contextos fonológicos o fenômeno variável tem maior probabilidade de ocorrer.

No tangente à nasalização variável de vogais da fala manauara, predefiniu-se um conjunto de palavras que contemplassem a variável nos seguintes contextos fonológicos:

- Sílabas tônicas em posição inicial;
- Sílabas tônicas em posição intermediária;
- Sílabas pretônicas;
- Sílabas postônicas;
- Sílabas subtônicas (acento secundário);
- “-l” em posição de núcleo de sílaba inicial de;
- Verbo da 1ª conjugação na forma da 3ª pessoa do singular – pretérito perfeito / modo indicativo;
- Substantivo derivado do verbo da 1ª conjugação;
- Verbo da 3ª conjugação na forma da 3ª pessoa do singular - pretérito perfeito / modo indicativo;
- Verbo da 3ª conjugação na forma do infinitivo.

Tais fatores foram elencados a partir do exposto pela pesquisa de ABAURRE & PAGOTTO (2002), as quais fizeram levantamento do fenômeno da nasalização em cinco capitais brasileiras, não contemplando Manaus. Unindo-se a essa primeira pesquisa, conspirou-se também o exposto pelo trabalho de BARBOSA (1995), SANTOS (2013) e LEVY (2017), ocorridos em contexto amazônico, no interior e na cidade de Manaus respectivamente. O quadro 8 apresenta o conjunto das palavras selecionadas para satisfazer aos critérios fonológicos definidos.

Quadro 8: Palavras que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa			
Banho	Linha	Homossexual	Itinerante
Drama	Hino	Átomo	Igreja
Banana	Farinha	Sambódromo	Ignorância
Programa	Rainha	Comodismo	Igual
Anel	Pepino	Úmido	Isenta
Flamengo	Imagem	Túnel	Exame
Amanhã	Bimestre	Pluma	Existe
Pântano	Primeiro	Pupunha	Illegal
Bígamo	Ótimo	Ciúme	Iluminar
Camareira	Próximo	Perfume	Ilha
Pena	Vítima	Comunidade	Ira
Creme	Criminalizar	Jumento	Irresponsável
Novena	Homem	Cunhã	Irregular
Terreno	Cone	Póstuma	Irritar
Remar	Crônica	Álbum	Imaturo
Enigma	Termômetro	Oportunidade	Imigrante
Íngreme	Mordomo	Idiota	Imortal
Homem	Abdômen	Identidade	Inédito
Penalizar	Comida	Idioma	Início
Prima	Promessa	Ícone	Inhaca
Amor	Amou	Clamor	Clamou
Primor	Primou	Assumir	Assumi
Punir	Puni	Imprimir	Imprimi

Fonte: (MARTINS, 2018).

3.3 O recolhimento dos dados

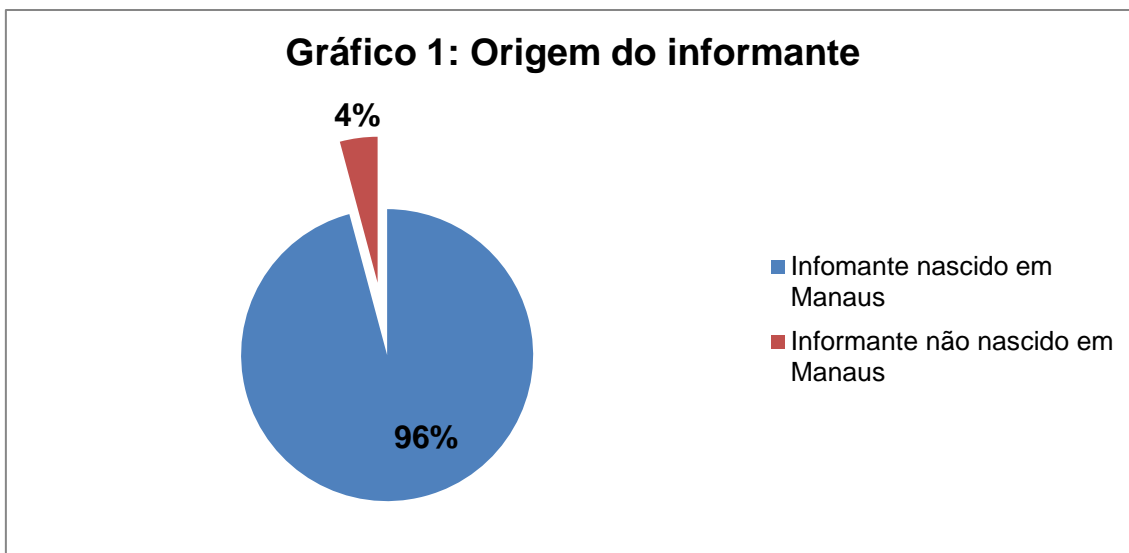
Após realizar todo o processo de definição e cruzamento das variáveis, predefinindo o roteiro das entrevistas e com informantes selecionados segundo os critérios mencionados, é chegado o momento da efetivação das entrevistas para a coleta de dados. O campo selecionado para a pesquisa, a cidade de

Manaus, é o mesmo em que nasceu e vive a pesquisadora; isso exige cuidado redobrado para que as experiências linguísticas vivenciadas não interfiram no processo. O mesmo fato pode também forjar uma “facilidade”: uma pessoa de fala familiar pode despertar menor monitoria na fala dos participantes do estudo. Outro aspecto que a imersão constante no campo da pesquisa proporciona é o acesso aos participantes, que pôde se dar em locais próprios de suas rotinas (o ambiente de trabalho, a casa), sem que fosse necessário desconectá-los de seus contextos, além de contemplar constantemente o aspecto da observação da comunidade de fala, atitude pontuada por Tarallo (1985) como uma das atitudes da pesquisa sociolinguística:

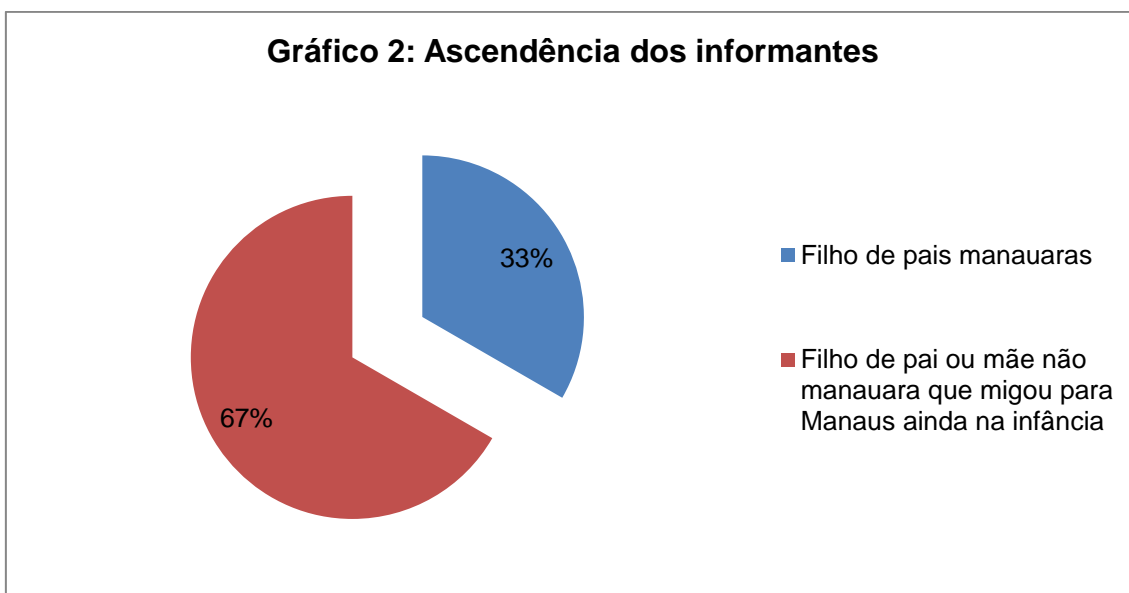
[...] O pesquisador da área da sociolinguística precisa, portanto, participar diretamente da interação. É claro que, sendo especialmente interessado na comunidade como um todo, ele também utilizará o método da observação no momento de adentrar a comunidade de falantes [...] (p.20)

Conforme evidenciado no capítulo 2, Manaus é uma cidade com fator atrativo para migrações, fazendo com que o trânsito e fixação de pessoas nativas de outros lugares sejam aspectos que influenciam a dinâmica desta comunidade de fala. Isso fez com que a busca por falantes adequados aos perfis traçados se tornasse uma tarefa árdua. É fato que, conforme evidenciam os gráficos 1 e 2, dentre os vinte e quatro informantes selecionados, oito (o equivalente a um terço da amostra) eram filhos de pessoas nascidas no interior ou fora do estado e que migraram ainda na infância para a capital amazonense. Uma das informantes, filha de manauaras, nasceu na capital de São Paulo, migrando para Manaus no terceiro mês de vida, lugar onde viveu desde então.

Questões como as relatadas até aqui estão presentes no processo de ida à campo e precisam ser contornadas e avaliadas pelo pesquisador para a validação dos dados levantados, visto que objeto em pesquisa é dinâmico e não pode, nem deve, ser isolado para forjar “condições ideais” num laboratório. As entrevistas foram, portanto, realizadas no contexto típico de cada informante, priorizando a disponibilidade de cada um, razão pela qual há ruídos externos como, por exemplo, o soar de ventiladores.



Fonte: (MARTINS, 2018).



Fonte: (MARTINS, 2018).

Para a ida a campo, lançou-se mão de um questionário previamente estruturado, o qual deu origem a um conjunto de projeção de slides elaborados no programa Power Point, no qual havia imagens e frases alusivas às palavras buscadas. Cada entrevista consistia, portanto, na projeção destes *slides* num computador da marca *Samsung*, posicionado próximo ao informante, empreendendo cada entrevista na forma de uma conversa, de modo que perguntas também pudessem ser inseridas para se chegar às palavras desejadas. Enquanto o procedimento de cada entrevista foi desenvolvido, um

gravador de voz modelo *Philips* estava posicionado para captar os áudios para posterior análise.

Além disso, cada participante assinou termo de consentimento para uso do material coletado e preencheu um breve questionário no qual informava idade, gênero, local de nascimento, filiação, origem do cônjuge (quando aplicável), assim como as viagens para fora de Manaus. Neste questionário constam, portanto, as informações sobre o entorno de cada falante, fornecendo dados extrassistêmicos.

3.4 O tratamento dos dados

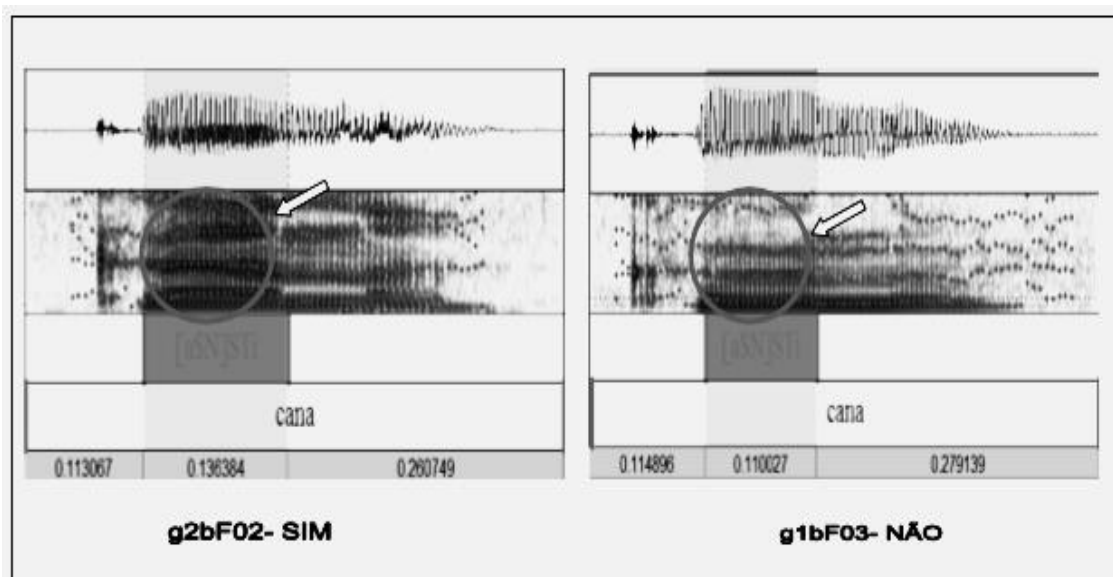
Uma vez coletado o material, passou-se ao momento de tratamento, o qual consistiu nos seguintes procedimentos:

1. Recorte do áudio das entrevistas, de modo a isolar as palavras que contemplam os contextos fonológicos pesquisados.
2. Análise do áudio fruto do recorte, utilizando o *software Praat*, de modo a gerar espectrograma para confirmar a presença, ou não, do fenômeno da nasalização variável.

Desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weernick, da Universidade de Amsterdã, o *Praat* é um *software* desenvolvido com foco na análise sonora, o qual possibilita a análise dos padrões de um segmento sonoro, pois gera um gráfico no qual se pode visualizar a variação da frequência da emissão de um som.

Em relação ao fenômeno da vogal nasalizada, é possível encontrar, com a aplicação do *Praat*, o exemplo, presente na Imagem 9, extraído do trabalho de SANTOS (2013). Na imagem é possível distinguir a diferença entre a emissão de [ˈkana], espectrograma à esquerda; e [ˈkãna], espectrograma à direita. A emissão de uma vogal totalmente oral torna mais escura a área apontada pelo círculo à esquerda, pois há uma maior concentração de força na cavidade oral, ao passo que a emissão da vogal nasalizada diminui a concentração de força na cavidade oral, o que faz com que a área identificada pelo círculo à direita seja mais clara.

Imagem 9: Comparativo entre vogal não nasalizada e vogal nasalizada



Fonte: (SANTOS, 2013, p. 53).

3. Tabulação dos dados obtidos, tanto intrassistêmicos (o resultado dos espectrogramas), como extrassistêmicos (informações do questionário).

Para tato, lançou-se mão de outro *software* desenvolvido por David Sankoff e Sali A. Tagliamonte, da Universidade de Toronto, para pesquisas Sociolinguísticas, o *GoldVarb X*. O objetivo desta aplicação é respaldar a quantificação dos dados na dinâmica com todas as variáveis envolvidas. O *software* fornece percentual e peso relativo para a ocorrência do fenômeno em estudo.

É necessário inserir os dados no *software*, codificando cada uma das variáveis consideradas para o estudo. A aplicação deste princípio a esta pesquisa, gerou a codificação evidenciada nos quadros 9 e 10.

Quadro 9: Codificação GoldVarb X – Ambientes Fonológicos		
Grupo de Fatores	Variantes	Códigos ⁴⁰
Variável dependente	Vogal nasalizada	\$
	Vogal não nasalizada	@
Posição da sílaba tônica	Posição inicial	I

⁴⁰ Para que o processo de codificação seja bem-sucedido, Oliveira (2014) recomenda que se evite utilizar o mesmo código para variáveis diferentes; para variantes do mesmo grupo, deve-se evitar a variação entre maiúsculas e minúsculas; priorizar códigos que tenham alguma relação mnemônica com os fatores especificados.

	Posição Medial	M
Sílaba não tônica	Pretônica	E
	Postônica	O
	Subtônica (acento secundário)	S
#i em posição de sílaba inicial de palavra	Variante do prefixo “in”	A
	Não variante do prefixo “in”	B
Nasalização diferencial	Verbo da 1ª conjugação na forma da 3ª pessoa do singular – pretérito perfeito / modo indicativo	C
	Substantivo derivado do verbo da 1ª conjugação.	D
	Verbo da 3ª conjugação na forma da 3ª pessoa do singular - pretérito perfeito / modo indicativo	G
	Verbo da 3ª conjugação na forma do infinitivo	H

Fonte: (MARTINS, 2018).

Quadro 10: Codificação GoldVerb X – Fatores extrassitêmicos		
Grupo de Fatores	Variantes	Códigos
Gênero do informante	Feminino	F
	Masculino	M
Grau de escolaridade do informante	1ª faixa etária: entre 18 e 45 anos	1
	2ª faixa etária: acima dos 45 anos	2
Faixa etária do informante	Baixa/Média escolaridade – sem formação superior completa	B
	Alta escolaridade – com formação superior completa	A

Fonte: (MARTINS, 2018).

A partir da inserção dos dados no *software*, uma análise quantitativa foi gerada, a partir da qual a análise qualitativa se desenvolve, momento em que é

possível observar os fatores relevantes para a ocorrência da nasalização variável (aspectos a serem desenvolvidos no decorrer do capítulo 3). O percurso metodológico descrito ao longo deste capítulo 2 é necessário porque “Uma variável linguística precisa ser definida sob condições estritas para que seja parte de uma estrutura linguística [...]” (WEIRREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.107). A comprovação da existência da variação precisa, portanto, de regras bem descritas, capazes de comprovar a existência de regularidade na variação.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS: A REALIZAÇÃO DAS VOGAIS NA FALA MANAUARA CONSIDERANDO A PERSPECTIVA DA NASALIZAÇÃO

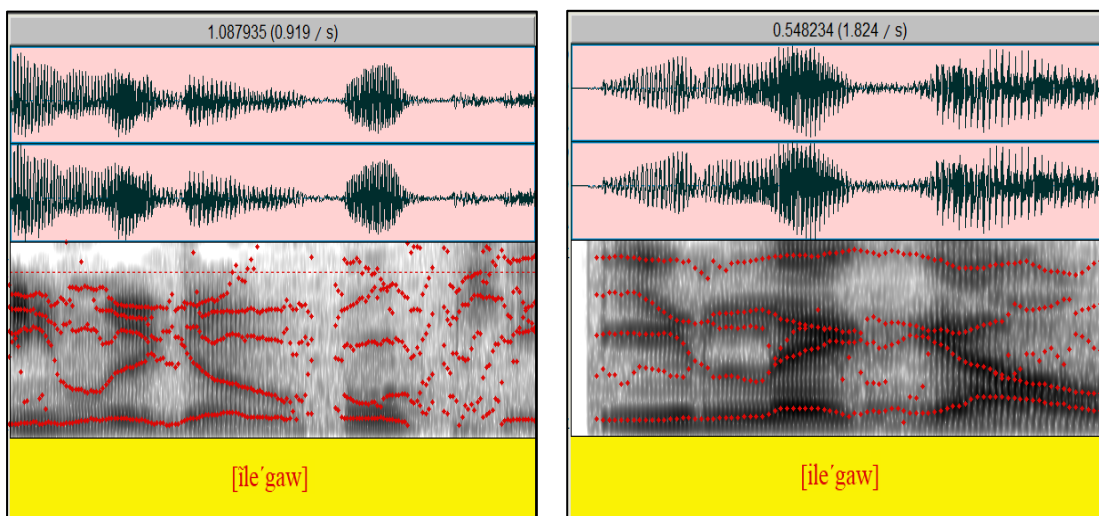
Uma vez recolhidos realizadas as entrevistas, procedeu-se ao tratamento da matéria sonora coletada. De acordo com o fenômeno variável selecionado, esperava-se ser possível registrar a ocorrência de duas formas variantes:

- 1) Vogal realizada com ausência de traço nasal.
- 2) Vogal realizada com aplicação do traço nasal.

A análise dos dados revelou, porém, a ocorrência de contexto fonológico em que uma vogal nasal “perdeu” seu traço, algo semelhante ao registrado por Santos (2013, p.52), segunda a qual “[...] trata-se da produção de vogais de forma oral em ambientes fonológicos onde, por uma regra fonológica usual do português brasileiro, espera-se som nasalizado [...]”. Esta questão será abordada na seção 4.1.1.

Isso posto, procedeu-se ao mapeamento dos dados, de modo a aplicar a técnica da oitiva para julgar a realização de cada palavra, identificando a aplicação, ou não, do traço nasal em contexto vocálico. Em casos cuja identificação baseada em oitiva tornou-se dificultada, procedeu-se à aplicação do *software* Praat, conforme a imagem 10 demonstra.

Imagem 10: Comparativo entre vogal não nasalizada e vogal nasalizada



Fonte: (MARTINS, 2018 - Imagem gerada através do *software* Praat)

Nela verificamos as duas formas de realização da palavra “ilegal”: [ile'gaw] ou [ĩle'gaw]. Ao lado direito da imagem, tem-se uma vogal [i] realizada de forma não nasal, de modo a demonstrar, em todos os seus formantes, uma coloração em tom de cinza mais escuro. O mesmo não pode ser dito da representação espectrográfica mais à esquerda, na qual há, em alguns formantes, tons de cinzas mais claros, o que indica diminuição da força na cavidade oral e conseqüente conclusão de que o som foi realizado com auxílio da cavidade nasal; a vogal foi nasalizada: [ĩ], portanto.

O mapeamento gerou condições para que fosse realizada a inserção dos dados *software GoldVarb X*, de modo a demonstrar se os grupos de fatores elencados são relevantes ou não para a realização da nasalização variável. Isso é possível, pois o referido programa realiza os cálculos estatísticos necessários, conferindo o tratamento quantitativo ao material coletado.

4.1 A influência das variáveis intralinguísticas

Esta seção do trabalho considerará as variáveis conforme indicações constantes no capítulo 2 deste trabalho.

4.1.1 Posição da sílaba tônica

Nesta variante fonológica, considerou-se a presença da variável dependente em contexto de sílaba tônica, optando-se por selecionar palavras cuja posição da referida sílaba apresentassem distintas disposições no interior da palavra, a saber: sílaba tônica em posição inicial e tônica em posição intermediária. Quanto a esse conjunto de variantes, a tabela 2 expõe a quantificação dos dados:

Tabela 2: A variável dependente em contexto fonológicoônico		
Contexto fonológico	Percentual de ocorrência	
	Nasalizada	Não nasalizada
Sílaba tônica em início na palavra	73,78%	26,32%
Sílaba tônica intermediária na palavra	86,29%	13,71%

Fonte: (MARTINS, 2018)

Os dados consolidados permitem afirmar que os padrões encontrados são condizentes com aquilo que está disponível na literatura, indicando que, quando presente em sílaba tônica, a variante se realiza pela nasalização; quando a sílaba tônica é intermediária na palavra, a tendência à nasalização aumenta, conforme indicam Abaurre e Pagotto (2002, p. 514),

“Em sílabas acentuadas, a nasalização ocorre quase categoricamente [...] tal assimilação é bloqueada em contexto de juntura de palavra, o que caracteriza o processo com intralexical. A nasalização ocorre em 100% dos casos, quando a consoante que segue a nasal é palatal [...] parece haver uma hierarquização na assimilação da nasalidade segundo o ponto de articulação, do mais posterior para o mais anterior: palatais > dentais > labiais”.

Na fala manauara o mesmo processo pode ser verificado, visto que, uma vez a variável dependente posicionada mediante a uma consoante nasal bilabial /m/, há uma significativa redução do processo de espalhamento do traço nasal para a vogal contígua, como em palavras como “homem” e “prima”.

Outro processo importante foi verificado quanto à contiguidade da variável dependente com a nasal palatal /ɲ/, uma vez que esta é popularmente referida como “não pronunciada” pelos manauaras:

- A consoante se realizou na forma do glide /j/ na palavra “banho” e “pupunha”, conforme aponta SILVA (1998), resultando nas pronúncias: [ˈbãjũ] e [puˈpũjã].
- Houve apagamento do segmento, porém não do traço [nasal], espalhado para a vogal adjacente nas palavras rainha, linha e farinha.
- A consoante foi efetivamente realizada na palavra inhaca, uma vez que, numa significativa parcela de realizações da palavra, a vogal “i” não foi articulado, não havendo vogal anterior contígua para espalhar o traço [nasal]: [ˈɲaka].

Uma hipótese para a compreensão desse processo pode ser retomada do viés histórico/articulatório, recuperando uma informação extraída de Bueno (1967), o qual concluiu, a partir do trabalho de Nobiling (1907), que, depois de “i”, era frequente no português arcaico a presença tanto de “nh”, de “r”, o que

indica a possibilidade de que formas concomitantes ocorressem nesse período e Manaus tenha herdado/conservado tal forma de articulação em virtude do período da colonização.

Além disso, [ɲ] e [ɺ] apresentam o ponto de articulação semelhante, ambas são palatais, de modo que é possível, pelo processo de evolução das línguas, que o ponto palatal da sílaba tônica tenha dominado e assimilado a consoante, de modo que o seu traço nasal também acabou sendo absorvido pela vogal adjacente ou assumido o papel de um glide, como o ocorrido na palavra “banho”.

4.1.2 Sílaba não tônica

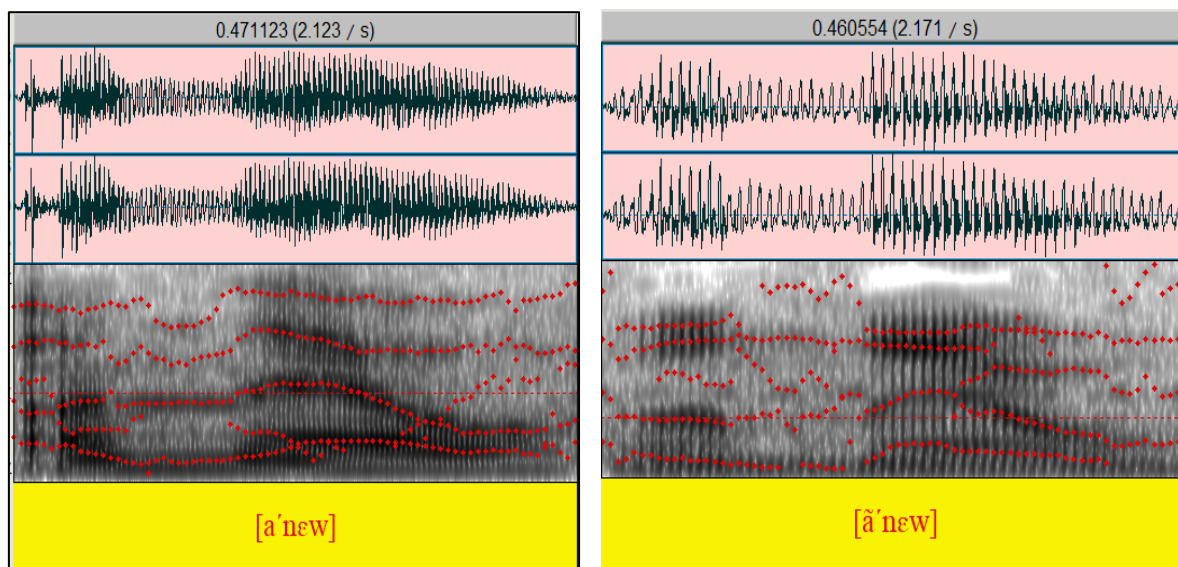
No âmbito desta variável fonológica, considerou-se a presença da variável dependente em contextos de sílaba não tônica, optando-se por selecionar palavras cuja posição da referida sílaba apresentassem distintas disposições no interior da palavra, a saber: sílaba pretônica; sílaba postônica; sílaba subtônica (acento secundário). Quanto a esse conjunto de variantes, a tabela 3 expõe a quantificação dos dados:

Contexto fonológico	Percentual de ocorrência	
	Nasalizada	Não nasalizada
Sílaba pretônica	21,51%	78,49%
Sílaba postônica	19,43%	80,57%
Sílaba subtônica	52,72%	47,28%

Fonte: (MARTINS, 2018)

Uma vez posicionada fora da sílaba tônica, a variante passa a ter uma tendência a se realizar de forma não nasalizada, o par mínimo disposto na imagem 11 indica é representativo da variável em posição pretônica. Quando em sílaba subtônica, os índices se equilibram, com leve tendência para a variável realizada pela nasalização, é provável que o acento secundário tenha um papel semelhante ao da sílaba tônica ao demonstrar também uma tendência para a nasalização.

Imagem 11: Par mínimo [a'new] / [ã'new]



Fonte: (MARTINS, 2018 - Imagem gerada através do software Praat)

A redução do espelhamento do traço quando a variável dependente está posicionada mediante a uma consoante nasal bilabial /m/ já identificado em contexto de sílaba tônica, se intensifica em contextos de sílaba não tônica, fato observado nos contextos das palavras amigo e Flamengo, por exemplo.

A fala manauara apresentou, ainda, um processo de desnasalização das variáveis localizadas ao final das palavras, identificado na realização das palavras “homem” e “imagem” (ditongo decrescente nasal foi monotongado para a vogal alta -i), e na palavra “álbum”, resultando em ocorrências tais como [‘õmi] / [‘omi]; [‘awbu]; [i’mãzi]; [abi’dõmi]. A posição de sílaba não tônica face ao contexto da vogal alta “i” a qual, segundo MEDEIROS (2007), tende a ser nasalizada com menor frequência que as vogais baixas.

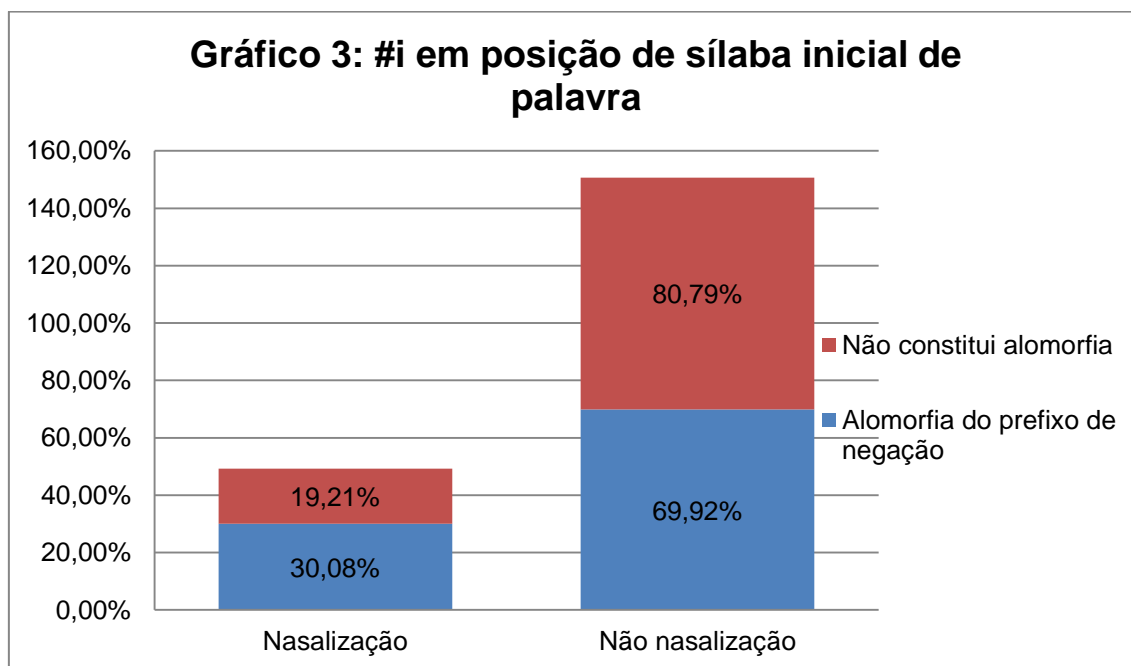
4.1.3 #i em posição de sílaba inicial de palavra

Outro caso a respeito do qual buscamos coletar material diz respeito à vogal #i ocupando a posição inicial de uma palavra. Os achados consolidados dão conta de que este contexto se constitui numa variável no falar manauara, ocorrendo por meio de uma significativa tendência à realização sob a forma da nasalização.

Trazendo para esta discussão a hipótese de Mira Mateus *apud* Bisol (2002), com a qual a pesquisadora argumenta em favor da hipótese bifonêmica para a vogal nasal, há a indicação de que o prefixo “in-” manifesta-se em vários contextos conservando a presença do traço nasal (como em *impossível*, por exemplo); porém diante de consoantes laterais ou vibrantes, o traço [nasal] passa por um processo de assimilação.

Baseando-se nesse pressuposto, colheu-se material para dar conta de duas questões:

- 1) O #i inicial é um alomorfe que, em conjunto com as formas “-im” e “-in” são prefixos de origem latina e significam a ideia de negação: ilegal, irresponsável, irregular, imaturo, imortal e inédito.
- 2) O #i inicial não constitui um alomorfe do prefixo latino de negação: idiota, identidade, idioma, ícone, itinerante, igreja, ignorância, igual, isenta, exame, existe⁴¹, iluminar, ira, ilha, irritar, imigrante, início, inhaca.



Fonte: (MARTINS, 2018)

A quantificação do material colhido, disposta no gráfico 3, apontou para o fato de que, a fala manauara parece trabalhar no intuito de explicitar a presença da consoante nasal assimilada, haja vista que, diante das consoantes

⁴¹ Pelo professor de alçamento de vogais mediais pretônicas, o “e” inicial das palavras “exame” e “existe” são foneticamente pronunciados como [i].

laterais e vibrantes há um movimento, no sentido de realizar tal sequência mantendo a nasalização, questão registrada com auxílio de palavras, tais como: ilegal, irresponsável e irregular. A junção deste #i com uma consoante nasal no *onset* da próxima sílaba aumenta de forma significativa a probabilidade da realização desta variável dependente na forma nasalizada.

A partir desse conjunto de dados, pode-se concluir que a fala manauara tem feito o movimento em busca de tornar homogêneos os processos fonológicos do seu sistema linguístico, trabalhando para criar monomorfia entre as variações do mesmo morfema.

No segundo bloco de ocorrências relacionadas ao #i inicial, os mesmos contextos de consoantes líquidas e vibrantes apresentaram um peso menor no tangente à nasalização variável das vogais, de acordo com o que obtido com as palavras: iluminar e irritar.

Registrou-se também a presença de significativos processos de harmonia nasal, uma vez que foi identificado o espalhamento do traço nasal para elementos não contíguos, como o que é demonstrado em 4.a:

4.a	Identidade	[ɪdētʃi'daɔʒi]
	Isenta	[izêta]
	Itinerante	[ɪtʃine'rātʃi]

Em relação às duas primeiras palavras, tem-se o espalhamento do traço para a vogal da sílaba adjacente, mas que não está em contato direto com a fonte da nasalização, permanecendo transparente a consoante que está no caminho deste movimento. Em relação à terceira palavra, temos que o traço nasal se espalhou para uma vogal de sílaba não contígua, ficando transparente ao traço toda a sílaba localizada no meio deste processo.

Por fim, é necessário analisar o escopo de palavras que, mesmo não configurando alomorfe do prefixo latino que gera negação, e também não apresentando um ponto fonte de espalhamento de traço nasal, oferecem a possibilidade de realizarem seu #i inicial pela forma da nasalização, conforme exposto em 4.b:

4.b Idiota	[ĩdʒi'ota]
Idioma	[ĩdʒi'ota]
Existe	[ĩ'zistʃi]
Irritar	[ĩri'ta]

Uma característica própria da língua portuguesa pode explicar satisfatoriamente essa ocorrência: a ausência de par mínimo [i/ĩ] quando no contexto de núcleo da sílaba inicial de uma palavra. O mesmo não ocorre com as demais vogais, pois [a/ã], [e/ẽ], [o/õ] e [u/ũ] ocupando o mesmo contexto apresentam possibilidades de formação de par mínimo. A baixa ocorrência, aliada à tendência da língua em construir simetrias, pode explicar uma nasalidade surgida a partir de características lexicais do PB, ou lexicalização.

Os achados sobre tangentes à harmonia nasal, monomorfia e lexicalização da fala manauara são, em alguns aspectos, semelhantes ao que foi registrado por Levy (2017), quanto ao falar itacoatiarense.

Houve divergência, entretanto, no aspecto da lexicalização quanto à nasalização do #i diante das velares /g/, em igreja e ícone, respectivamente; para estas palavras, a nasalização não ocorreu, conforme evidenciado em 4.c:

4.c Igreja	[i'greʒa]
Ícone	[íkonɨ]

4.1.4 Nasalização diferencial

Na fala manauara, a nasalização variável da vogal pode aparecer como recurso para a distinção de formas foneticamente semelhantes. A aplicação da nasalização para distinguir:

- A forma do substantivo da forma do verbo no pretérito perfeito do indicativo em verbos da primeira conjugação.
- Em verbos da terceira conjugação, para distinguir a forma do infinitivo da forma do pretérito perfeito do indicativo.

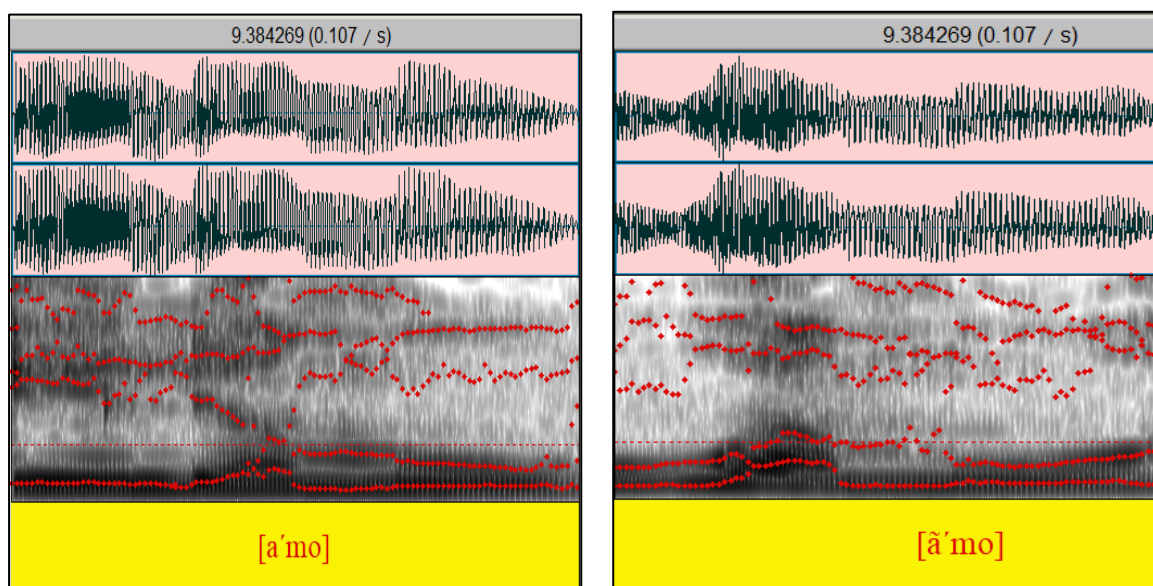
Quadro 11: Nasalização diferencial - pares mínimos testados			
Verbo da 1 ^a	Substantivo	Verbo da 3 ^a	Verbo da 3 ^a

conjugação na forma da 3ª pessoa do singular – pretérito perfeito / modo indicativo	derivado do verbo da 1ª conjugação.	conjugação na forma da 3ª pessoa do singular - pretérito perfeito / modo indicativo	conjugação na forma do infinitivo
Ele clamou	O clamor	Eu imprimi	Imprimir
Ele amou	O amor	Eu puni	Punir
Ele primou	O primor	Eu assumi	Assumir

Fonte: (MARTINS, 2018).

A hipótese apenas se mostrou relevante quando foi observada na distinção entre verbos da 1ª conjugação na forma do pretérito perfeito do indicativo e da forma do substantivo derivado do verbo; aplicando a nasalização naquela e a não nasalização nesta. A nasalização foi aplicada na forma do verbo conjugado, de forma predominante nas formas “ele clamou” e “ele primou” e forma categórica na forma “ele amou”; em contrapartida, o par mínimo de cada uma das situações não recebeu o traço nasal. A imagem 12 apresenta o par mínimo “o amor/ele amou”, em função da aplicação da análise diferencial:

Imagem 12: Par mínimo “o amor” / “ele amou”⁴²



Fonte: (MARTINS, 2018 - Imagem gerada através do *software Praat*)

⁴² Na fala cotidiana, as palavras “amor” e “amou” se configuram como pares mínimos pelo processo de apagamento da vibrante ao fim da primeira e monotongação ao fim da segunda.

No outro conjunto hipotético construído, a nasalização se mostrou irrelevante para a distinção destas formas.

4.2. A influência das variáveis extralinguísticas

O escopo deste trabalho adotou os termos “extrassistêmicos” e “extralinguísticas” para fazer referência ao conjunto de aspectos sociolinguísticos elencados como princípios teórico-metodológicos da pesquisa desenvolvida. Fez-se essa opção para evitar confusão com o uso do termo “sociolinguístico” para fazer referência à área de estudos da ciência Sociolinguística.

Os aspectos sociolinguísticos considerados para esta análise correspondem às variáveis de gênero, grau de escolaridade e faixa etária. A definição para os cortes de cada um dos fatores, bem como as justificativas para tais estão dispostas na seção 3.2.1 deste trabalho.

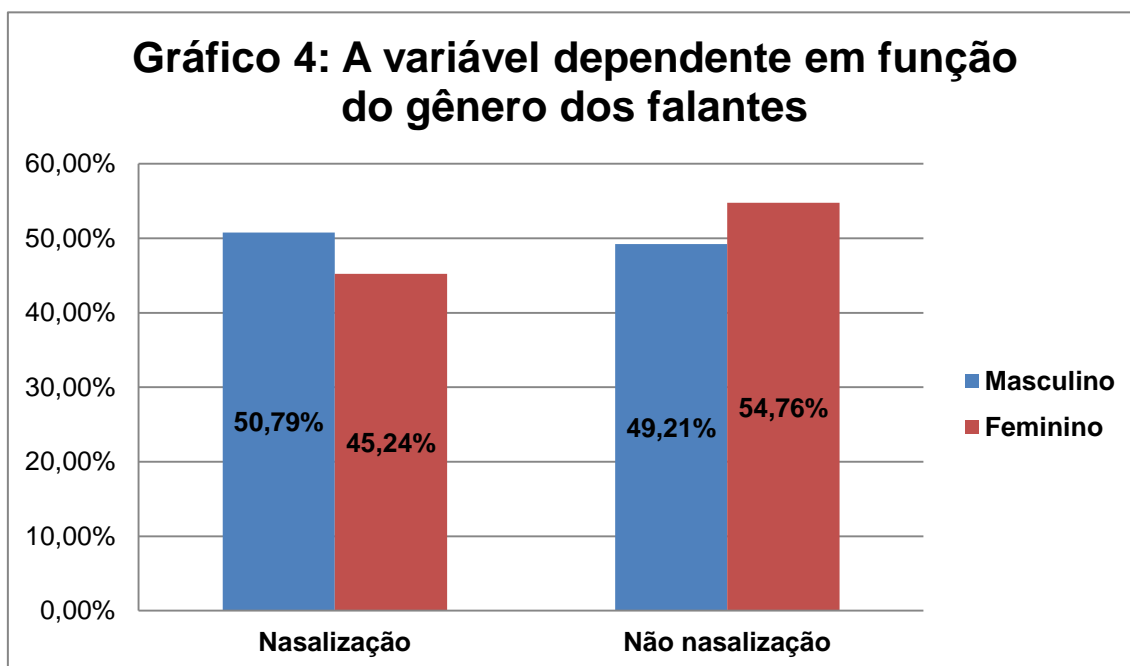
4.2.1 Gênero do informante

Ao considerar os dados sob a ótica das informações extrassistêmicas, pode-se observar que não há grande dilatação entre os dados quantificados para a nasalização ou a não nasalização da variável dependente, o que poderia indicar um processo de transitoriedade em que ambas as formas estão em concorrência no período em que os dados foram levantados. Quanto a esse conjunto de variantes, o gráfico 4 expõe a quantificação dos dados.

Quando observados os dados relativos ao gênero dos falantes, identificou-se que as mulheres aplicam a regra da nasalização de maneira menos frequente que os homens; os dados, entretanto não são categóricos, visto que não há dilatação entre os valores apresentados por cada um dos gêneros. O mesmo foi registrado por Abaurre e Pagotto (2002, p. 513), quando afirma que, em seu estudo, “[...] a atuação do fator sexo não chega a ser muito forte. O que se percebe é uma ligeira inibição da nasalização dos informantes do sexo feminino [...]”.

De acordo com Labov (2008), as mulheres tendem a ser mais conservadoras que os homens, o que indicaria que a realização da variável dependente pela forma da nasalização da vogal é um processo mais inovador dentro desta comunidade fala, ou, ainda, socialmente mais associado a um grau de escolaridade mais baixo.

Fonte: (MARTINS, 2018)



4.2.2 Faixa etária do informante

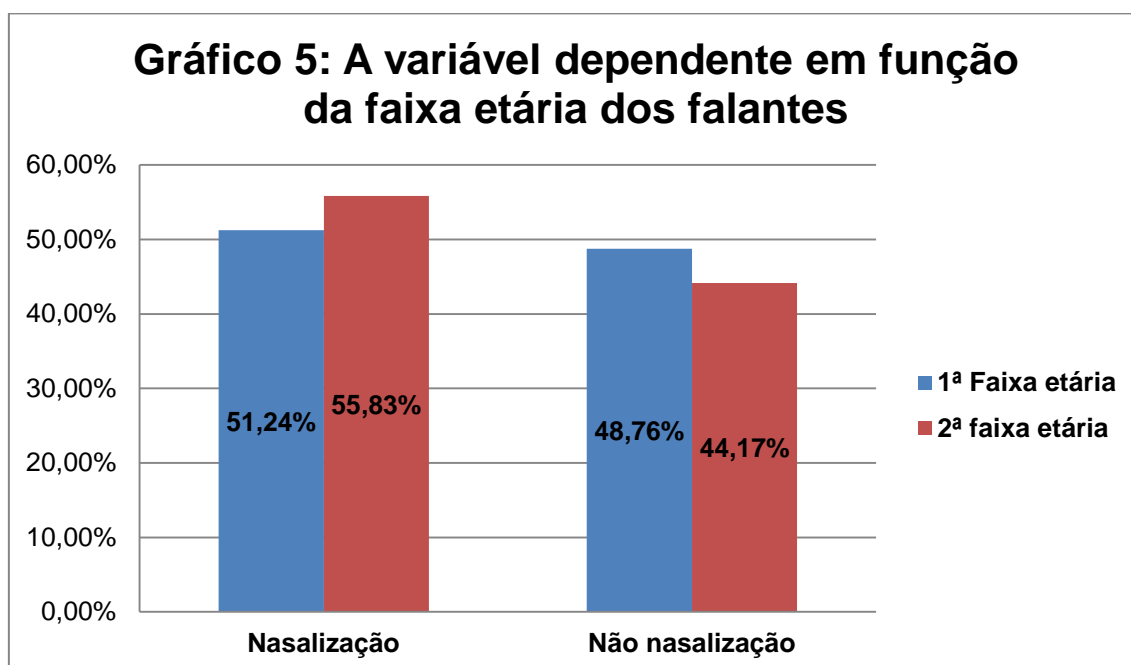
Em virtude do tempo determinado para a conclusão da pesquisa (o âmbito do curso de mestrado), não havia a possibilidade de realizar acompanhamento longitudinal com os informantes selecionados. Assim sendo, foram propostos os seguintes cortes etários:

- 1) Primeira faixa etária: falantes entre 18 e 45 anos.
- 2) Segunda faixa etária: falantes de 46 anos em diante.

A proposição destas faixas se deu pelo fato de que, segundo o Atlas IBGE (2013), a expectativa de vida na cidade de Manaus é de 74,5 anos; além disso, o projeto FAMAC propõe que os participantes de pesquisas desta natureza sejam maiores de 18 anos. Assim sendo, os cortes etários propostos

são proporcionais; essa abordagem também tornaria mais eficiente a busca por informantes pertencentes à segunda faixa etária, facilitando a busca por informantes com grau de escolaridade em nível superior. Quanto a esse conjunto de variantes, o gráfico 5 expõe a quantificação dos dados.

Isso posto, os dados levantados por esta pesquisa demonstraram que a realização da variável dependente pela forma da nasalização é um fenômeno mais frequente entre os mais velhos, pertencentes à segunda faixa etária, e menos comum entre os mais jovens. Entretanto, assim como o corrido com a questão gênero, essa dimensão não apresenta um contraste tão predominante entre os cortes temporais propostos.



Fonte: (MARTINS, 2018)

Tendo em vida a noção de que da noção de que

“[...] os falantes adultos tendem a assumir as formas mais antigas [...], apesar de estarem em interação constante [...], costumam falar de maneira distinta [...] Com o correr do tempo, é provável que a forma nova seja adotada por todos” (NARO, 2004, p. 44)

É possível afirmar que a hipótese de que a nasalização seja um fenômeno mais inovador, baseada no fato de que as mulheres a utilizam

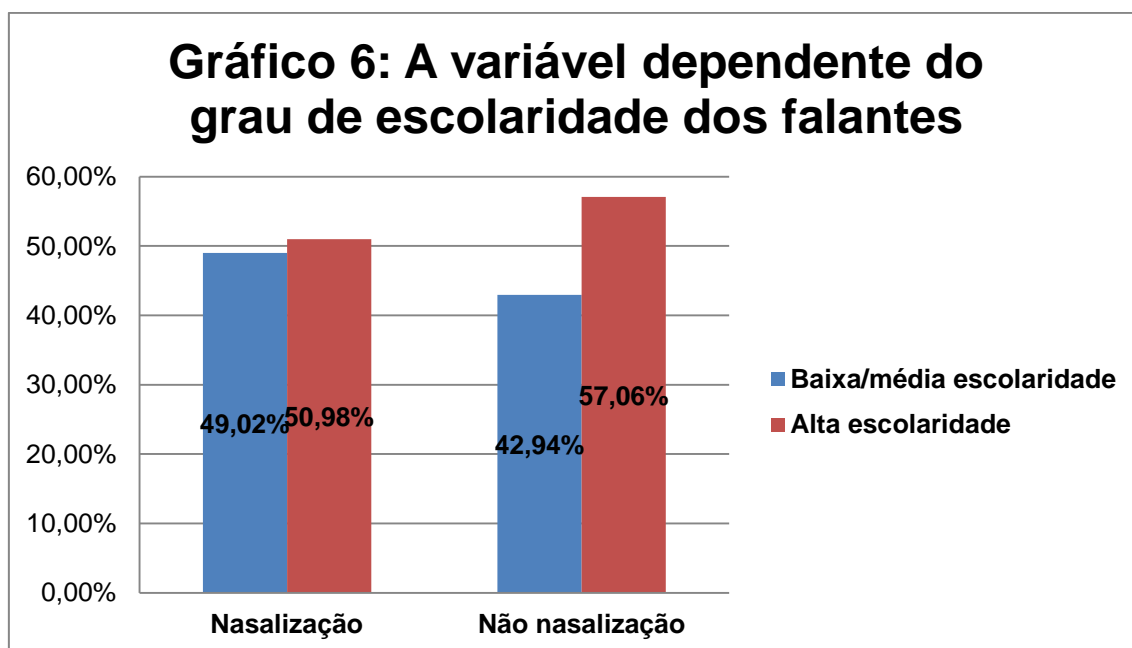
menos, perde sua validade. Resta, entretanto, a informação de que a nasalização pode estar associada a um registro de fala mais distante do padrão formal, menos associado a um grau de escolaridade mais alto, o qual será alvo de reflexão na seção 4.2.3.

4.2.3 Grau de escolaridade do informante

Conforme aponta Tarallo, “[...] em uma sociedade tão estratificada como a nossa, fatal será que o nível socioeconômico e de escolaridade do indivíduo tenha direta relevância sobre seu desempenho linguístico [...]” (1985, p.47). Em relação ao grau de escolaridade, os indicadores sociais de Manaus dão conta de que baixo é o percentual de pessoas sem algum grau de instrução na cidade; é maior entre os mais velhos e decresce conforme são analisados os dados relacionados aos mais jovens. Assim sendo, foram propostos os seguintes cortes etários:

- 1) Baixa/Média escolaridade: sem formação superior completa.
- 2) Alta escolaridade: com formação superior completa.

Quanto a esse conjunto de variantes, o gráfico 6 expõe a quantificação dos dados:



Fonte: (MARTINS, 2018)

Os dados consolidados deram conta de que a variável dependente tende a se realizar pela forma da nasalização de forma mais frequente entre os falantes com menor grau de escolarização. Ao passo que, entre os participantes com mais grau de instrução, a variável dependente tende a se realizar pela forma da não nasalização.

Assim, é possível interpretar a confluência dos dados de modo a relacionar a nasalização variável com uma concepção menos prestigiada de uso do PB, ou menos associada ao padrão de escolarização mais baixo. A confluência deste fator com os fatores descritos em 4.2.1 corrobora para a presente interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu trabalho, distante deste mais de vinte anos, Barbosa (p. 99, 1995), afirmou que, na fala manauara, “[...] poucos são os casos que não registram nasalização de um som vocálico seguido de consoantes nasais”, nele também pontuou a necessidade de promover o aprofundamento da questão, de modo a definir os domínios da nasalização variável no âmbito da comunidade de fala manauara.

Esta dissertação se dedicou a abordar a nasalização, considerando a sua natureza variável no âmbito do PB, adotando, para isso, os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, de Labov, para dar conta dos aspectos tangentes ao uso da língua na dinâmica social. Para além disso, no tangente à análise sistemática do trabalho, tomou-se a Fonologia Autossegmental como modelo para as interpretações dos fenômenos registrados, especialmente para tratar dos aspectos do espalhamento do traço [nasal] da consoante tanto para vogais adjacentes, como para vogais em sílabas não contíguas.

As análises contaram com o auxílio dos *softwares Praat e Goldvarb X*, de modo a aplicar o primeiro na observação auxiliar da aplicação, ou não, da nasalização variável, e o segundo para a quantificação dos dados de modo a verificar o peso relativo das variáveis no pacote da variação.

A análise dos materiais coletados resultou em duas vertentes de interpretação dos dados: a intrassistêmica, a qual avaliou os dados do ponto de vista do sistema linguístico, considerando o traço [nasal] na relação com os demais segmentos sonoros; a extrassistêmica, que observou a dinâmica da variável dependente em relação aos processos sociais que podem influenciar os sistemas linguísticos.

Assim sendo, a primeira linha de análise indicou que, quando a variável dependente está em contexto de sílaba tônica e sílaba subtônica, sua tendência é a realização pela forma da nasalização. Uma vez inserida em contexto de sílabas não tônicas, a tendência pela não nasalização registrou um aumento.

A contiguidade com o fonema consonantal bilabial /m/ indicou um fator de realização da variável dependente pela forma da não nasalização. Em

relação à palatal [ɲ], foi registrada realização na forma do glide /j/ ou o seu apagamento, ocorrido na junção com a vogal alta anterior [i].

A hipótese de explicação para este fenômeno considerou que [ɲ] e [j] apresentam o ponto de articulação semelhante, conforme aponta WEISS (1988), já que ambas são palatais, de modo que é possível, pelo processo de evolução das línguas, que o ponto palatal da sílaba tônica, exercido pela vogal, tenha dominado e assimilado a consoante, de modo que o seu traço nasal também acabou sendo absorvido pela vogal adjacente ou assumido o papel de um glide.

A fala manauara também apresentou um processo de desnasalização das variáveis localizadas ao final das palavras, em contextos de sílabas não tônicas.

Outro aspecto para o qual se buscou coletar material diz respeito à vogal [i] ocupando a posição de núcleo em sílabas iniciais de palavras. Os processos relacionados a essa ocorrência demonstraram como fatores favorecedores de nasalização de vogais: a junção com consoantes laterais e vibrantes, a harmonia nasal, a monomorfia dos prefixos latinos indicadores de negação e a lexicalização. Estes fatores analisados em perspectiva permitem afirmar que fala manauara apresenta processos em prol da construção de simetrias.

Por fim, os aspectos intralinguísticos demonstraram que a nasalização variável também pode ser um recurso aplicado para distinção de formas foneticamente semelhantes.

Retomando os blocos de análise quanto aos fatores extrassistêmicos, as reflexões sobre o material coletado levaram à conclusão de que:

- 1) Os homens apresentam maior tendência em realizar a variável dependente pela forma da nasalização.
- 2) A realização da variável dependente pela forma da nasalização é um fenômeno mais frequente entre os mais velhos, pertencentes à segunda faixa etária.
- 3) A realização variável é associada a uma concepção menos prestigiada de uso do PB, ou menos associada ao padrão de escolarização mais baixo. Aspecto corroborado pela variável gênero, uma vez que as mulheres são mais conservadoras e mais associadas aos padrões formais de uso da língua e aplicam a nasalização com menor frequência.

A pesquisa científica nunca se esgota. Ao contrário, ela aponta para novas perspectivas de abordagem da temática estudada. Ao término deste trabalho, é possível perceber outras possibilidades de estudo da nasalização variável, ao abordar, por exemplo, a nasalização no âmbito da área rural de Manaus ou na região Metropolitana da capital. Também a possibilidade de analisar aspectos relacionando especificamente a nasalização variável e a estrutura da sílaba, mantendo a abordagem Autossegmental.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M.; PAGOTTO, Emílio Gozze. **Nasalização do português no Brasil**. In: KOCH, Ingedore G. Vilaça (Org.). Gramática do português falado: desenvolvimentos (Volume VI). Campinas: Editora da Unicamp, 2002. (p. 491-519).
- ANDRADE, Aldair Oliveira de. **Migração para Manaus e seus reflexos socioambientais**. Somanlu, ano 12, n. 2, jul./dez. 2012.
- ARAÚJO, Jussara Maria Oliveira de. **A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara dos anos 80 aos dias atuais: um estudo sociofuncionalista**. Manaus, 2016. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) Universidade do Estado do Amazonas.
- BARBOSA, Lenise Pereira. **Fonologia – a fala amazonense e sua influência no ensino de inglês**. Manaus: UA, 1995.
- BERÇOT-RODRIGUES, Shanay Freire. **A realização da fricativa glotal na fala manauara**. Manaus, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem) Universidade Federal do Amazonas.
- BISOL, Leda. **Estudo sobre a nasalidade**. In.: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S (Orgs.). Gramática do português falado: novos estudos descritivos (Volume VIII). Campinas: Editora da Unicamp, 2002. (p. 501-535).
- BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BUENO, Francisco da Silveira. **A formação histórica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Elementos de fonética do português brasileiro. Tese de livre docência, UNICAMP. Campinas, 1982.
- _____. **Análise Fonológica: Introdução à Teoria e à Prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. **An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese.** Ph. D. thesis Edimburgo: University of Edimburgh, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso **Estrutura da língua portuguesa.** 43. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAPISTRANO, Karine Oliveira. **Estudo da nasalidade na cidade de Fortaleza numa perspectiva perceptual e fonética.** Rev. de Letras - N0 60 . 26 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2004.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CHOMSKY, Noam Avram, HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English.** New York: Harper and Row, 1968.

CLEMENTS, George Nick. The geometry of phonological features. In. **Phonology Yearbook.** 1985, v. 2. (p. 225-252).

_____. Feature organization. **The Encyclopedia of Language and Linguistics.** Oxford: Elsevier Limited. 2006.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In. GOLDSMITH, J. **The handbook of phonological theory.** Oxford: Blackwell, 1995 (p. 245-305).

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

COSTA, C. P. **Apyngwarupigwa: nasalização em Nhandewa-guarani.** 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

COSTA, Consuelo Paiva Godinho, MALTA, Cinthia. **Nasalização em Português Brasileiro: uma (re)visão autosegmental.** SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 18/1, p. 132-156, jun. 2015.

D'ANGELIS, W. R. **Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica**. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas.

DUARTE, Yara, TEIXEIRA, Raquel. **O processo de nasalização das vogais em português sob o enfoque da fonologia gerativa**. Letras hoje. v. 14, n. 3 (1979).

DURVASULA, Karthik. **Understanding nasality**. University of Delaware, 2009. Dissertação para obtenção do grau de Doctor of Philosophy in Linguistics.

FREIRE, Sérgio. **Amazonês: termos e expressões usadas no Amazonas**. 2.ed. Manaus: Valer, 2012.

GOMES, Christina Abreu; SOUZA, Cláudia Nívea Roncarati de. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GUY, Gregory R. **A identidade linguística da comunidade fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística**. Organon. v. 14, n. 28-29 (2000).

HÁ quase 10 anos, Manaus é rota de imigrantes vítimas da fome e catástrofes naturais. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/manaus-de-todas-as-cores/2017/noticia/ha-quase-10-anos-manaus-e-rota-de-refugiados-vitimas-da-fome-e-catastrofes-naturais.ghtml>> Acesso em: 25 de Outubro de 2017.

HRICSINA, Jan. **Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno (tentativa de verificação in corpora)**. Études Romanes de Brno. 34, 2, 2013.

IBGE. **Atlas do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/detalhes.php?id=264529>> Acesso em: 14 de Junho de 2016.

_____. **Amazonas: Manaus**.

Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=1302603>> Acesso em: 14 de Junho de 2016.

KENT, Ray D., READ, Charles. **Análise Acústica da fala**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEVY, Joseane Medeiros. **A nasalização de vogal fechada anterior [i], em contextos não nasais**. Manaus, 2017. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação). Universidade do Estado do Amazonas.

MANAUS. **História**. Disponível em: <<http://www.manaus.am.gov.br/cidade/historia/>>. Acesso em: 18 de Agosto de 2017.

MARTINS, Valteir. **Laudo linguístico do Parque das tribos**. Manaus, 2016.

MEDEIROS, Beatriz Raposo de. **Vogais nasais do português brasileiro: reflexões preliminares de uma revisita**. REVISTA LETRAS, CURITIBA, N. 72, P. 165-188, MAIO/AGO. 2007. EDITORA UFPR.

MEDEIROS, Beatriz Raposo de, DEMOLIN, Didier. **Vogais nasais do português brasileiro: um estudo de IRM**. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, p. 131-142, dez. 2006.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **Política indigenista do período pombalino e seus reflexos nas capitanias do norte da América portuguesa**. Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades - Comunicações. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/ricardo_pinto_medeiros.pdf> . Acesso em: 30 de Agosto de 2017.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MORAES, João Antônio de; WETZELS, W. Leo. **Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português, um exercício de fonologia experimental**. Cad. Est. Lig., Campinas, (23): 153-166, Jul./Dez. 1992.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NARZETTI, Claudiana Nair Pothin. **O percurso das ideias do círculo de de Bakhtin na Análise do Discurso francesa**. Araraquara 2012. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”.

Número de habitantes do AM chega a 4 milhões em 2016, aponta IBGE. Disponível em: < <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/08/numero-de-habitantes-do-am-chega-4-milhoes-em-2016-aponta-ibge.html>> Acesso em: 13 de Junho de 2018

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Tatiana Belmonte dos. **Descrição da nasalidade no município de Barreirinha, comunidade do Andirá, no Amazonas**. Manaus, 2013. Dissertação. (Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem) Universidade Federal do Amazonas.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHARDOSIM, Chris Royes, TROMBETTA, Naissara. **Fonologia: Breve histórico dos estudos no Estruturalismo e Gerativismo**. **E-escrita** Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v.3, Número 2, Mai. -Ago. 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TRUBETZKOY, Nikolay Sergeyeovich. **Principles of Phonology**. Translated by C. A. M. Baltaxe. Paris: Klincksieck, 1969.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WEISS, Elizabeth Helga. **Fonética articulatória: guia e exercícios**. Brasília: Simimer Institute of Linguistics, 1988.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. Instituto Nacional do Livro, 1961.

ANEXOS - Instrumento de coleta de dados

1	Banho	Momento do dia em que, no chuveiro, fazemos a higiene pessoal.
2	Drama	Nos filmes, o contrário de comédia. Geralmente ocorre em filmes em que a protagonista sofre bastante.
3	Banana	Imagem
4	Programa	Atração televisiva, com horário definido. O Apresentador Faustão tem um, chama-se “Domingão do Faustão”.
5	Anel	Imagem
6	Flamengo	Imagem
7	Amanhã	O dia que virá depois do dia de hoje.
8	Pântano	Terreno alagado, escuro, no qual normalmente são encontrados sapos. Histórias fantasiosas normalmente dizem haver monstros nesse lugar / Imagem
9	Bígamo	Aquele que é casado com duas pessoas ao mesmo tempo.
10	Camareira	Pessoa que trabalha arrumando quartos de hotéis. / Imagem
11	Pena	Imagem
12	Creme	Substância usada na pele ou no cabelo para hidratar. Sobremesa feita de cupuaçu, leite condensado e doce de leite.
13	Novena	Período de nove dias em que são feitas orações. Qualquer série ou período de nove dias. Em Manaus, há realização de uma famosa celebração no bairro de Aparecida, todas as terças-feiras.
14	Terreno	Uma porção de terra que possui proprietário. Local em que se constrói uma casa ou prédio. Qualidade daquilo que é próprio da terra.
15	Remar	Complete a frase: Esta pessoa gosta de
16	Enigma	Charada, adivinhação, pergunta de difícil solução.
17	Íngreme	Qualidade de um terreno inclinado. Difícil de subir e de descer.
18	Homem	Representante da espécie humana, do sexo masculino. O oposto da mulher.
19	Penalizar	Atribuir pena. As aves têm a pele coberta por algo. Como é chamado esse elemento que cobre a pele das aves? (Pena) – a palavra que procuramos é formada a partir desta última que você acabou de dizer. Complete a frase: A lei seca vai os que dirigem embriagados.
20	Prima	A filha da minha tia é
21	Linha	Fio usado para costurar as roupas. Fio usado para a pesca.

22	Hino	Música executada sempre ao início de alguma solenidade. Música executada antes dos jogos da seleção brasileira de futebol.
23	Farinha	Imagem
24	Rainha	A soberana de um país no regime da monarquia. A esposa do rei.
25	Pepino	Imagem
26	Imagem	Desenho, gravura. Quando eu tiro uma foto, faço uma self, eu produzo uma..... Materiais audiovisuais possuem som e
27	Bimestre	Período de dois meses. O ano escolar tem 4, cujos finais são marcados por semanas de avaliações.
28	Primeiro	Em uma competição, o vencedor é aquele que chega em lugar.
29	Ótimo	Aquilo que é muito bom.
30	Próximo	A pessoa seguinte. Aquilo que está prestes a acontecer.
31	Vítima	A pessoa contra quem se pratica algum mal.
32	Criminalizar	Qual a ação que os bandidos cometem? (Crime) – a palavra que procuramos é formada a partir desta última que você acabou de dizer. Considerar algo como um crime. Complete a frase: Nos últimos tempos, debate-se sobre a prática do aborto.
33	Cone	Imagem
34	Crônica	Texto narrativo curto, que reflete sobre fatos da realidade. Dor que é persistente.
35	Termômetro	Objeto usado para medir temperatura.
36	Mordomo	Empregado de famílias ricas e que administra os afazeres domésticos.
37	Abdômen	Região da barriga. Músculos da barriga.
38	Comida	Alimento próprio o consumo. Alimento após o preparo.
39	Promessa	Compromisso assumido com alguém. Voto religioso em prol de uma causa, milagre. Ditado popular: “..... é dívida”.
40	Homossexual	Pessoa que se relaciona com alguém do mesmo sexo.
41	Átomo	Menor partícula que pode entrar em uma molécula.
42	Sambódromo	Centro de convenções. Local onde ocorrem os desfiles das escolas de samba.
43	Comodismo	Uma casa ou apartamento é dividido em partes. Como essas partes são chamadas? (Cômodos) – a palavra

		que procuramos é formada a partir desta última que você acabou de dizer. Complete a frase: Continuo morando com meus pais por puro
44	Úmido	Local com grande concentração de água. Quando algo é molhado com um líquido fica?
45	Túnel	Caminho ou passagem subterrânea.
46	Pluma	Objeto muito parecido com a pena, sendo, porém, destinado ao adorno.
47	Pupunha	Imagem
48	Ciúme	Sentimento negativo causado pelo medo de que a pessoa amada dedique seu afeto ou atenção a outra pessoa.
49	Perfume	Líquido utilizado para ficar cheiroso.
50	Comunidade	Grupo de pessoas que vivem em comum, dividindo o mesmo espaço de terra e os bens produzidos.
51	Jumento	Animal equino, que não é o cavalo, muito utilizado para o transporte de cargas. Adjetivo usado para denominar a pessoa que possui a inteligência curta. Pessoa grosseira.
52	Cunhã	Forma de se referir à uma moça, com palavra de origem indígena.
53	Póstuma	Homenagem feita após a morte de alguém.
54	Álbum	Reunião de fotos.
55	Oportunidade	Situação favorável para compra de algo: "Não perca esta"
56	Idiota	A pessoa que mostra certa falta de entendimento, bom senso.
57	Identidade	Imagem
58	Idioma	A língua falada pelas pessoas de um país. O inglês, o francês e o alemão são exemplos disso.
59	Ícone	Pequena figura disposta na tela do computador ou do <i>smartphone</i> e que representa algum programa ou aplicativo. / Imagem
60	Itinerante	Pessoa ou evento que se desloca de um lugar para o outro.
61	Igreja	Templo dedicado ao culto cristão.
62	Ignorância	Falta de conhecimento, saber ou instrução.
63	Igual	Quando algo tem o mesmo valor que outra coisa.
64	Isenta	Pessoa que não é obrigada a fazer algo, como, por exemplo, pagar imposto. Essa pessoa é...
65	Exame	Procedimento médico para verificar a saúde de uma pessoa. O de sangue, o de fezes, o de urina são exemplos disso.
66	Existe	Vamos fazer uma rápida conjugação do verbo "existir": Eu existo Tu existes

		Ele
67	llegal	Aquilo que contraria s preceitos da lei. Que vai contra a lei vigente. “Tudo o que eu gosto é é imortal ou engorda.” (Música de Roberto Carlos)
68	Iluminar	Colocar luz, lâmpadas em um ambiente escuro.
69	Ilha	Porção de terra cercada de água por todos os lados. Parintins é um exemplo disso. / Imagem
70	Ira	Sentimento de raiva extrema.
71	Irresponsável	A pessoa que não tem responsabilidade é
72	Irregular	Aquilo que não tem regularidade é
73	Irritar	A ação de perturbar alguém é a ação de essa pessoa.
74	Imaturo	A pessoa sem maturidade é
75	Imigrante	A pessoa que sai de seu país de origem para vive em país estrangeiro é um
76	Imortal	Aquilo que não morre é
77	Inédito	O filme que ainda não foi assistido A música que ainda não foi ouvida O livro que ainda não foi lido
78	Início	O começo das coisas é o
79	Inhaca	Cheiro desagradável, catinga forte.
80	Amor	Sentimento de bem querer que se têm pelos pais, filhos, namorados (as)...
81	Amou	Conjogue o verbo: Eu amei Tu amaste Ele
82	Clamor	Hoje o culto foi uma bênção! O foi muito grande.
83	Clamou	Conjogue o verbo: Eu clamei Tu clamaste Ele
84	Primor	Seu trabalho está um Nome de uma margarina muito vendida,
85	Primou	Conjogue o verbo: Eu primei Tu primaste Ele
86	Assumir	Para provar maturidade, é necessário responsabilidades.
87	Assumi	Conjogue o verbo Eu Tu assumiste Ele assumiu
88	Punir	A sociedade precisa os criminosos de forma exemplar.
89	Puni	Eu Tu puniste

		Ele puniu
90	Imprimir	Pedi para você as nossas provas.
91	Imprimi	Eu Tu imprimiste Ele imprimiu